

VALÉRIA FARIA CARDOSO

**UM ESTUDO DE CATEGORIAS SINTAGMÁTICAS DA LÍNGUA
KAIOWÁ/GUARANI**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Universitário de Três Lagoas, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Lingüísticos.

Orientador: Prof. Dr *Dercir Pedro de Oliveira*

Três Lagoas

2001

VALÉRIA FARIA CARDOSO

**UM ESTUDO DE CATEGORIAS SINTAGMÁTICAS DA LÍNGUA
KAIOWÁ/GUARANI**

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE

.....
Presidente e Orientador: Prof. Dr. *Dercir Pedro de Oliveira*
.....

2º Examinador: Prof. Dr. *Angel Humberto Corbera Mori*
.....

3º Examinador: Profª Drª *Marlene Durigan*
.....

Suplente: Prof. Dr. *Emílo Milton Giusti*

Três Lagoas, 23 de março de 2001

À minha filha,

Sofia;

Aos meus pais,

Antônio e Luzia.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Aos índios Kaiowá/Guarani, por terem me recebido em sua aldeia para a realização de minha pesquisa. Especialmente, ao professor indígena, Eliel Benides, que me ajudou a desvendar alguns dos aspectos de sua língua.

Ao Prof. Dr. Dercir Pedro de Oliveira, meu orientador e querido amigo, pelo seu incentivo desde a graduação na UFMS, apontando, sempre, os caminhos a serem seguidos.

À Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), que me permitiu a exclusiva dedicação durante a realização deste trabalho.

Ao Antônio José Filho, pelos seus trabalhos junto ao "Projeto Kaiowá/Guarani" (UCDB-Campo Grande) que me serviram de inspiração para esta pesquisa e pela amizade.

Ao Departamento de Documentação da FUNAI, pelas informações concedidas sobre o povo Kaiowá/Guarani.

Ao CEDAE do IEL/UNICAMP, pelas informações cedidas sobre as línguas Guarani, publicadas pelo SIL.

Ao Prof. Dr. Angel Corbera Mori e à Profa. Dra. Marlene Durigan, pelas sugestões apresentadas durante o exame de qualificação.

Ao Prof. Dr. Emilio Milton Giusti, pelas críticas e sugestões apontadas durante o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus amigos, em especial ao Marlon Leal Rodrigues, Marcelo Delgado, Eliany Maia e Daci Ferreira, por elevar o meu astral nos momentos de desânimo e pela amizade.

À minha família, pela força que sempre me deu em todos os momentos de minha vida.

SUMÁRIO

página

LISTA DE ABREVIATURAS

RESUMO

ABSTRACT

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

1. Introdução	7
1.1 A Teoria X-Barra.....	9
1.2 A Teoria Temática.....	12
1.3 A Teoria do Caso.....	14
1.4 A Teoria da Ligação.....	15
2. O Parâmetro da ordem e a tipologia das línguas.....	18

CAPÍTULO II: CONTEXTO HISTÓRICO DO KAIOWÁ/GUARANI

1. Línguas indígenas.....	24
2. A família Tupi-Guarani: breve panorama histórico.....	26
3. A cultura Guarani.....	30
4. O Kaiowá/Guarani em Mato Grosso do Sul.....	32

CAPÍTULO III: DESCRIÇÃO E ORDENAÇÃO DAS CATEGORIAS

SINTAGMÁTICAS

1. A descrição e a ordem das categorias lexicais e funcionais.....	36
2. Descrição das categorias lexicais.....	37
2.1 Os constituintes internos de SN.....	37
2.2 Os constituintes internos de SV.....	42
2.3 Os constituintes internos de SP.....	49

2.4 Os constituintes internos de SA.....	53
3. Descrição das categorias funcionais.....	56
3.1 A constituição interna do SDet.....	56
3.2 Descrição da categoria funcional SFI.....	62
3.2.1 A categoria funcional SAgr.....	62
3.2.2 A categoria funcional ST.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	88
ANEXOS.....	92

LISTA DE ABREVIATURAS

A:	adjetivo
Agr:	concordância (agreement)
cf.:	confira
Compl:	complemento
COMP:	complementizador (C, complementizer)
SCOMP:	sintagma complementizador (CP, complementizer phrase)
Det:	determinante (D, determiner)
ec:	empty category (categoria vazia)
EP:	estrutura profunda (DS, Deep-structure)
ES:	estrutura de superfície (SS, Superficial-structure)
Fl:	flexão (I, inflection)
fut:	futuro
Inf:	informante
Inter:	interrogativo
K/G:	Kaiowá/Guarani
N:	nome ou substantivo (noun)
neg:	negação
O:	objeto (object)
OI:	objeto indireto
pass:	passado
pl:	plural
poss:	possessivo
P:	preposição ou posposição (preposition or postposition)
s:	singular
S:	sujeito
SA:	sintagma adjetival (AP, adjectival phrase)
SAgr:	sintagma de concordância (AgrP, agreement phrase)
SDet:	sintagma determinante (DP, determiner phrase)
SFl:	sintagma de flexão (IP, inflection phrase)

SN:	sintagma nominal (NP, noun phrase)
SNeg:	sintagma de negação (NegP, negation phrase)
SP:	sintagma posposicional ou preposicional (PP, preposition phrase)
Spec:	especificador (specifier)
ST:	sintagma temporal (TP, tense phrase)
SV:	sintagma verbal (VP, verb phrase)
t:	traço, vestígio (trace)
T:	tempo (tense)
Top:	tópico
UG:	gramática universal (universal grammar)
V:	verbo (verb)

Identificação dos professores índios da Reserva de Caarapó

Inf. A:	Alécio Soares Martins (professor da Escola Mbokaja)
Inf. B:	Rogério V. Mota (professor da Escola Loides Bonfim)
Inf. C:	Eliel Benites (professor da Escola Ñandejara)
Inf. D:	Ládio Cavalhero Veron (professor da Escola Mbokaja)

Referência dos dados

Os dados utilizados como exemplos são caracterizados na seguinte ordem: Livro. Texto (quando houver): número da sentença e página do livro. Veja os exemplos abaixo. Evidencia-se, por ora, que os títulos dos livros são: livro A: *Upéicha rohai: ore kuation ñe'e peteîha* (1993) e livro B: *Tesãi ome'ê vy'a* (1998).

Ex: (A. 3:12 p. 5)

(B. 67 p. 8)

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADROS

Quadro 1: Identificação dos núcleos lexicais.....	11
Quadro 2: Combinação dos traços [\pm anafórico, \pm pronominal] com as categorias realizadas lexicalmente e as vazias.....	17
Quadro 3: Os demonstrativos.....	57
Quadro 4: Os pronomes possessivos em Kaiowá/Guarani.....	59
Quadro 5: Característica número-pessoa do verbo Kaiowá/Guarani.....	63
Quadro 6: Os pronomes Kaiowá/Guarani que podem ser SNs sujeito.....	68
Quadro 7: Os pronomes Kaiowá/Guarani que podem ser SNs objeto.....	69

TABELAS

Tabela 1: População indígena na América Latina.....	25
Tabela 2: As línguas da família Tupi-Guarani faladas no Brasil.....	28

RESUMO

O propósito deste trabalho é fazer um estudo de categorias sintagmáticas da língua Kaiowá/Guarani, falada pelos índios que vivem no estado de Mato Grosso do Sul. O estudo realizado ampara-se no modelo de Princípios e Parâmetros da Teoria da Gramática Gerativa (Chomsky, 1986), correlacionado aos estudos sobre a tipologia das línguas (Greenberg, 1966). Tomou-se como objeto específico de estudo a ordenação paramétrica (Stowell, 1989) das categorias sintagmáticas lexicais: SN, SV, SA e SP, e funcionais: SFI (SAgr e ST) e SDet. A partir da interpretação dos dados da língua e da descrição de seus sintagmas, são mostradas as configurações de ordem em que são fixadas as categorias sintagmáticas, que, por fim, levou-nos a sugerir que, os falantes Kaiowá/Guarani produzem um língua SVO e/ou SOV.

ABSTRACT

This research's purpose is to study the syntagmatics categories of Kaiowá/Guarani language spoken by the indian people that inhabit Mato Grosso do Sul (Brazil). It's based on the principles and parameters model of generative grammar theory (Chomsky, 1986) related with the studies about languages typology (Greenberg, 1966). It has gotten as specific object of study the parametric ordering (Stowell, 1989) of the lexical syntagmatics categories as: NP, VP, AP and PP, and functional as: IP (AgrP and TP) and DP. Beginning with a language data interpretation and the description of its syntagmas it is was demonstrated the order configuration which are fixed to the syntagmatics category, motivating us at the end suggest the Kaiowá/Guarani speakers produce a SVO and/or SOV language.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

A proposta para o presente trabalho é descrever e interpretar algumas das categorias sintagmáticas da língua Kaiowá/Guarani, com base predominantemente na Teoria Gerativa, segundo o Modelo de Princípios e Parâmetros, de Chomsky (1986).

A realização deste estudo sobre a língua Kaiowá/Guarani, falada por 10.483¹ falantes localizados no Estado de Mato Grosso do Sul, tem como objetivo central descrever as categorias sintagmáticas lexicais e funcionais.

Com o intuito de delimitar o objeto de estudo para uma descrição preliminar da sintaxe, concentramo-nos na descrição do fenômeno da ordenação de núcleos lexicais (SN, SV, SP e SA) e de núcleos funcionais (SDet, SFI) e os elementos que constituem as categorias sintagmáticas, além de verificamos algumas das categorias lexicais que constituem os núcleos destas categorias sintagmáticas.

Para tanto contamos com a perspectiva da variação de ordem linear, que apresenta os valores paramétricos : [X" Spec X'] ou [X" X' Spec] e [X' X° Compl*] ou [X' Compl* X°], instituídos por Stowell (1981; apud Raposo, 1992:186-9). Estes valores paramétricos foram inseridos neste trabalho por permitirem uma melhor caracterização das ordenações possíveis das categorias sintagmáticas que formam a sentença K/G.

Considerando que a descrição da constituição e ordenação interna das categorias lexicais da língua K/G é subsidiada pela Teoria X-Barra de Fukui e Speas (1986, apud Raposo, 1992:209-214), a descrição de cada uma delas é realizada no nível da projeção intermediária X', já que tais categorias são capazes de projetar-se apenas neste nível. Somente as categorias funcionais SFI (ST e SAgr) e SDet podem projetar-se no nível X", por meio da combinação da projeção X' com um especificador, além de que subcategorizam obrigatoriamente um complemento em Estrutura de Superfície.

¹ Esta informação, entre outras, sobre o povo Kaiowá/Guarani estão disponíveis em: <<http://www.funai.gov.br/>> e pelo e-mail <índios@funai.gov.br>.

Para o desenvolvimento da descrição estrutural e tipológica tomamos como base teórica, além dos autores gerativistas, Chomsky (1986), Stowell (ibidem) e Travis (1984), alguns dos universais postulados por Greenberg (1966) e, ainda, trabalhos como os de Vieira (1993), Mori (1998), Aguiar (1994), Dooley (1982a-b e 1991a-b), entre outros, que descrevem e/ou analisam teoricamente diferentes línguas indígenas.

Ao descrevermos sobre a constituição das categorias sintagmáticas da língua Kaiowá/Guarani, também, tomamos como base outros estudos sobre línguas da família Tupi-Guarani (como o Mbyá e o Tupinambá), como também, comparamos o K/G, com outras línguas naturais como o português, o japonês, o inglês etc.

No que se refere à expressão Kaiowá/Guarani, observa-se que esta é geralmente utilizada quando se trata de aspectos comuns aos dois subgrupos Guarani, os Ñandéva/Chiripá e os Kaiowá, e em se tratando da língua falada por estes grupos, a premissa aplica-se, sendo denominada língua Kaiowá/Guarani.

Segundo Schaden (1974: 2), “Os Guarani do Brasil Meridional podem ser divididos em três grupos: os Ñandéva, os Mbüá e os Kayová”.² Nas 23 comunidades indígenas da Região da Grande Dourados/MS, temos a presença dos povos Ñandéva/Chiripá, que se autodenominam Guarani, e dos Kaiowá. Quanto ao terceiro subgrupo Guarani, o Mbyá, apesar de ser o mais distribuído geograficamente, não está presente na região mencionada. (cf. com a tabela de nº 1, extraída de Rodrigues (1994:39))

A Reserva indígena do município de Caarapó (MS) é uma das áreas da Região da Grande Dourados, onde vivem juntos os Kaiowá e os Ñandéva (Guarani). Nesta reserva, em 1999, ocorreram os nossos primeiros encontros com o povo Kaiowá/Guarani e sua língua.

Pudemos conferir, junto a Reserva de Caarapó, que suas escolas adotam a educação bilíngüe e a alfabetização em Guarani, sendo os professores

² O alfabeto da grafia Guarani usado nas 23 áreas indígenas da Região da Grande Dourados é emprestado do Guarani do Paraguai e será esta grafia que utilizaremos neste trabalho. Assim sendo, vale elucidar que as palavras Ñandéva, Mbüá e Kayová, expressas por Schaden, têm as seguintes correspondentes: Ñandeva, ou, ainda, Ñandeva/Chiripá; Mbyá e Kaiowá.

alfabetizadores, todos Kaiowá/Guarani. E ainda, que os estudos gramaticais da língua Kaiowá/Guarani, nestas escolas, provêm de gramáticas tradicionais que prescrevem a língua Guarani do Paraguai, também tida como *Avañeém*. Faz-se necessário sublinhar que estas mesmas gramáticas, como a de Guasch (1996) e de Ortiz (1994), também subsidiaram nossos estudos sobre a língua Kaiowá/Guarani³.

No que respeita aos procedimentos metodológicos, começaram a partir de entrevistas gravadas junto a mulheres e homens da Reserva de Caarapó. Estas entrevistas gravadas não puderam constituir o cópuz de nossa pesquisa, por causa de três aspectos determinantes que impossibilitaram a utilização destes dados de modalidade oral, conforme seguem:

i. não somos falantes da língua Kaiowá/Guarani e, por isso, não pudemos transcrever as entrevistas gravadas

ii. os professores, conhecedores da linguagem escrita, não dispunham de tempo suficiente para nos auxiliar na realização das transcrições

iii. o tempo disponível para a conclusão deste trabalho, também, não nos possibilitou realizar vários outros encontros com estes professores.

Persistimos com o projeto inicial de estudarmos a língua Kaiowá/Guarani, porém passamos a considerar como cópuz de nossa pesquisa textos escritos⁴, e não mas produzidos oralmente, devido às dificuldades já apontadas.

Ressalte-se que os textos escritos em língua Kaiowá/Guarani apresentam fortes evidências de textos de modalidade oral, uma vez que, foram produzidos por falantes indígenas que não possuem uma formação acadêmica em língua Guarani, como pode ser feito no Paraguai. Contudo, estes falantes Kaiowá/Guarani são falantes ideais.

³ Devemos mencionar, ainda, os estudos lingüísticos realizados por Taylor (1966), Dooley (1982a-b e 1991a-b), Bridgeman (1960) e a descrição lingüística do Guarani coloquial feita por Suárez (1967), pois, a leitura destes trabalhos, também, viabilizou nossos estudos sobre a gramática da língua Kaiowá/Guarani.

⁴ A diferença entre escrita e fala (ou texto oral) segue os conceitos desenvolvidos por Chafe (1982).

Destarte, o *cópus* deste trabalho é constituído por dois livros⁵ produzidos por falantes Kaiowá/Guarani: o livro *Upéicha rohai: ore kuation ñe'e peteîha* (1993), publicado pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, com a colaboração do Conselho Indigenista Missionário de Dourados, e *Tesai ome'é vy'a: saúde dá alegria* (1998), que recebeu apoio para sua publicação, tanto da Fundação Nacional de Saúde, como também da Universidade Católica Dom Bosco, que atende a seu Programa Kaiowá/Guarani. Os textos dos dois livros, em Kaiowá/Guarani, foram copiados, e estão disponíveis nos anexos do trabalho.

O primeiro livro - *Upéicha rohai: ore kuation ñe'e peteîha* - é constituído de 35 textos em Kaiowá/Guarani que abrangem aspectos históricos, sociais e culturais dos falantes desta língua, já o segundo - *Tesai ome'é vy'a: saúde dá alegria* - surge com a proposta básica de prevenir a população indígena de contrair doenças sexualmente transmissíveis.

Ambos os livros trazem textos, fundamentalmente, dos tipos descritivo e narrativo, o que proporciona uma variação dos tipos de sentenças K/G, portanto nos deparamos com sentenças: interrogativas, declarativas, exclamativas, simples, complexas, afirmativas, negativas, entre outras. Apesar disso, não nos valemos de todos estes tipos de sentenças, pois preferimos as declarativas e simples, por melhor caracterizarem a ordenação, tanto das categorias sintagmáticas, quanto das sintáticas.

Os professores índios da Reserva de Caarapó auxiliaram-nos nos estudos sobre a gramática, o que resultou na elaboração de glossas lingüísticas e na interpretação de textos da língua K/G para o português.

Todas as sentenças dos livros componentes do *cópus* deste trabalho foram, primeiramente, descritas por meio de glossas lingüísticas, depois, interpretadas em português, para enfim, serem ou não selecionadas como exemplos de um aspecto lingüístico Kaiowá/Guarani. A seleção das sentenças

⁵ Os autores dos livros em Kaiowá/Guarani, assim como, as escolas indígenas da Região da Grande Dourados adotam uma grafia semelhante à grafia do Guarani paraguaio de forma consensual e não convencional.

deu-se, de acordo, com a necessidade de elucidar uma ou outra característica das categorias sintagmáticas lexicais e/ou funcionais que nos propomos a estudar.

Por fim, advertimos que a soma de sentenças Kaiowá/Guarani, que compõe nossa amostra, gira em torno de 450, e que a mesma é relevante para a descrição e interpretação das categorias sintagmáticas da língua, realizadas dentro do quadro teórico, predominantemente, Gerativista.

Em nosso estudo, não acentuamos a distinção entre língua e dialeto, posto que, em se tratando de linguagem indígena, tal distinção necessita ter seus termos revistos. Guedes (1993:233) afirma que "em relação aos povos autóctones ou às minorias étnicas do Brasil dificilmente questões relativas à distinção entre língua e dialeto são colocadas. Assume-se que são **línguas**".

Levemos em consideração as palavras de Chomsky (1994:153) ao vislumbrar uma distinção entre língua *nuclear* e *periferia*: "Suponhamos que distinguiamos língua *nuclear* de *periferia*, sendo uma língua nuclear um sistema determinado pela fixação de valores para os parâmetros da GU e a periferia tudo aquilo que é adicionado ao sistema realmente representado na mente/cérebro do falante-ouvinte." Realçamos esta distinção para evidenciar que, em se tratando da língua K/G como objeto de estudo formal, ambos os conceitos são viáveis, já que normas prescritivas não nortearam a elaboração dos textos escritos na língua.

Dooley (1991b:1) expõe que "Dentro do Brasil, membros de mais de um grupo dialetal comumente vivem juntos dentro da mesma reserva ou aldeamento. Esta mescla demográfica efetua um mescla lingüística, que complica a identificação de grupos dialetais". A partir disto, assumimos a língua do Kaiowá/Guarani como objeto de estudo, já que nosso trabalho é embasado no conceito de língua como uma propriedade do cérebro humano que deve possuir características comuns a todas as línguas.

A identificação das diferenças lingüísticas existentes entre Kaiowá e Guarani (Ñandéva), apesar de ser de extrema relevância, não é tratada neste trabalho. Abordamos apenas as restrições sintáticas da língua Kaiowá/Guarani comuns a todas as outras línguas, por serem baseadas em Princípios Universais inatos à faculdade da linguagem, bem como a variação da ordem dos constituintes

sintagmáticos, uma vez que esta pode ser captada por Parâmetros cujo valor é determinado pela experiência lingüística do falante. Tendo o falante apreendido um valor, a variedade dos fatos segue os princípios gerais da linguagem. (Chomsky, 1986)

Utilizando a Teoria Gerativa como instrumento para a descrição e interpretação das categorias sintagmáticas da língua indígena K/G, demonstramos acreditar no pensamento de Aguiar (1994:3):

...não há incompatibilidade entre o objeto de estudo - línguas indígenas - e a teoria gerativa. Mas para acontecer esse entrosamento é preciso que ambas as partes deixem de reivindicar a supremacia de seus objetos de estudo, até porque as línguas indígenas são tão objetos de estudo para a teoria gerativa quanto qualquer outra língua natural.

A seguir, discorreremos sobre o modelo teórico da gramática formal e posteriormente, abordamos outros aspectos teóricos concernentes à ordem dos elementos sintagmáticos. No capítulo II, fazemos um breve relato do contexto histórico em que se encontram os Kaiowá/Guarani, para, no capítulo seguinte, apresentarmos a descrição e ordenação das categorias lexicais e funcionais.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Introdução

Este trabalho, como já mencionamos, tem o suporte teórico centrado, predominantemente, no modelo proposto por Chomsky (1986), razão pela qual traçamos uma breve descrição deste modelo, apenas para elucidações imediatas. Faz-se necessário, por ora, mencionar que utilizamos para desenvolver os assuntos referentes à ordem entre os elementos sintagmáticos e a tipologia da língua, autores gerativistas (Stowell, Travis, Raposo e outros) e funcionalista (Greenberg).

O modelo teórico de Chomsky vem sendo desenvolvido desde meados dos anos 50 e seu objeto de estudo é a gramática universal (doravante GU) "entendida como a soma dos princípios lingüísticos geneticamente determinados, específicos à espécie humana e uniformes através da espécie." (Raposo, 1992:46)

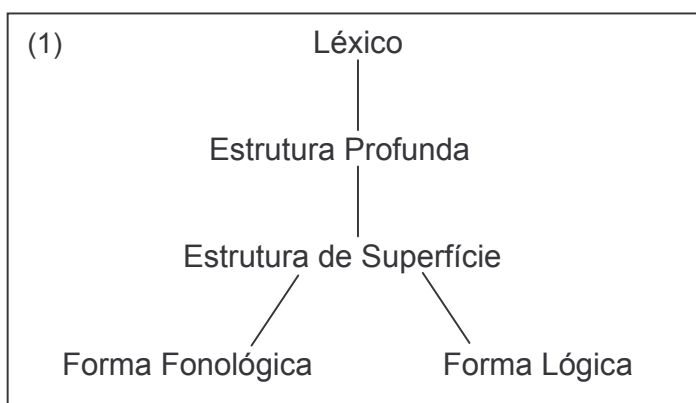
Chomsky desenvolve tal visão tomando como hipótese à existência de uma estrutura sintática inata, relativa à linguagem humana. O estudo do desenvolvimento sintático que acontece no processo de aquisição da linguagem, segue, a princípio, a Gramática Gerativa, em particular a Regência e Ligação e, posteriormente, o modelo de Princípios e Parâmetros, o qual estabelece que, à medida que os parâmetros vão sendo fixados, vão se constituindo as gramáticas das línguas.

A faculdade da linguagem, "que deve ser entendida como um componente particular da mente humana" (Chomsky, 1994:22), também tida como um sistema modular, sendo a gramática um módulo específico da mente ligado a esta faculdade. A asserção básica para o termo gramática é a de um sistema internalizado de Princípios e Parâmetros, que determina as possibilidades de formação de sentenças em uma língua.

Em se tratando, especificamente, do modelo de Princípios e Parâmetros, segundo Chomsky (op. cit. p.113)

A GU consiste em vários subsistemas - a teoria X-barrá, a teoria da ligação, a teoria do Caso, a teoria temática, a teoria dos nós-fronteira (...) e outras - contendo cada uma delas certos princípios com um grau limitado de variação paramétrica. Além desses princípios, há outros que são dominantes como o princípio de projeção, IC (interpretação completa) e os princípios de legitimação. Certos conceitos, como o de domínio (já discutido) e as noções técnicas de c-comando e regência com eles relacionados têm um papel central em todos estes subsistemas.

Os princípios gerais mencionados por Chomsky podem ser parametrizados pelas línguas naturais, em diferentes níveis de representação, conforme se pode observar em (1):



O léxico insere os elementos lexicais na Estrutura Profunda e "apresenta, para cada item lexical, a sua forma fonológica (abstrata) e as propriedades semânticas que lhe estão associadas. Entre elas estão as <propriedades de seleção> dos núcleos das construções: nomes, verbos, adjetivos e partículas" (Chomsky op. cit., p. 99). O léxico é tido como um conjunto de elementos lingüísticos que temos em nossas mentes quando somos falantes nativos de uma língua.

A Estrutura Profunda (do inglês *Deep-structure*) é a representação pura das propriedades lexicais que compõem a estrutura frasal; uma representação

sintática pura que pode ser modificada opcionalmente pela regra "mova α ", resultando na Estrutura de Superfície (*Superficial-structure*).

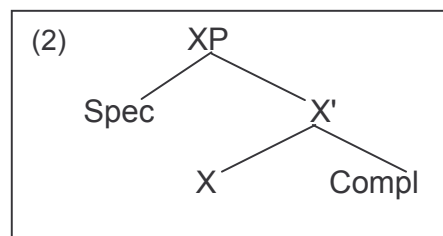
A Forma Fonológica (do inglês *Phonetic Form*) codifica os dados da Estrutura Superficial atribuindo-lhes uma estrutura fônica que produz efetivamente os enunciados. A Forma Lógica (*Logical Form*) é o nível de representação no qual as propriedades semântico-lógicas fundamentais dos enunciados são interpretadas. A aplicação da regra "mova α " entre a EP e a FL não é parametrizável, e é uniforme em todas as línguas.

Chamamos de "mova α " o mecanismo da GU que desloca sintagmas da posição da base em que foram gerados para outras posições da sentença.

1.1 A Teoria X-Barra

A Teoria X-Barra é o módulo da gramática que permite representar um constituinte evidenciando sua natureza e sua estrutura interna. É um princípio que estabelece a hierarquia entre os constituintes que formam as sentenças de qualquer língua. No que se refere à ordem desses constituintes, é parametrizável.

Os constituintes são apreendidos a partir do núcleo e são integralizados quando, na projeção máxima, dominam um especificador e, na projeção intermediária, dominam os complementos. Na árvore abaixo (2), podemos observar essa estrutura básica da Teoria X-Barra:



O núcleo, representado por uma variável X^6 , é uma categoria mínima que determina as relações do constituinte nos dois níveis: na projeção intermediária X' , que representa a localidade da relação entre o núcleo e o complemento (compl), e na projeção máxima XP (P abrevia *Phrase* do inglês), em que o constituinte pode, por sua vez, relacionar-se com um especificador (spec). Todo XP projeta-se dentro da categoria a que pertence, mas não define a posição do núcleo em relação a seu complemento, conforme o princípio da endocentricidade⁷ estabelecido a partir da Teoria X-Barra.

A relação entre o núcleo X e seu complemento é de irmandade, dado que os dois nódulos são "filhos" do mesmo nóculo "pai" X' , ocorrendo o mesmo com o especificador e X' , "filhos" de XP . A relação entre estes nódulos "irmãos" é de c-comando mútuo. Nota-se também que o especificador de XP c-comanda X e o seu complemento, porém esta relação não é recíproca (c-comando mútuo); portanto, X não c-comanda XP , assim como não domina o especificador. Segundo Miotto et al. (1999: 68):

*Todas as relações definidas pelo núcleo devem ser assentadas dentro da sua projeção máxima. Entretanto, existem ainda constituintes que são licenciados numa sentença sem ser complemento ou especificador de um núcleo. São os chamados **adjuntos**.*

A noção de regência para a Gramática Gerativa é definida a partir da relação estrutural verificada entre X e seu complemento. Chomsky (1994: 167) considera que "Uma categoria α rege uma projeção máxima X ", se α e X se c-comandarem; se α reger X " neste sentido, α rege o especificador e o núcleo X de X'' .

As categorias lexicais são definidas pela combinação de apenas dois traços distintivos fundamentais: nominal [N] e verbal [V]. A esses traços são associados

⁶ A variável X é usada para representar núcleos de natureza lexical ou funcional .

⁷ Segue a formulação do Princípio da Endocentricidade apresentada por Raposo (1992:162): "(i) uma categoria sintagmática XP tem obrigatoriamente um núcleo pertencente a uma categoria lexical principal; (ii) para uma dada categoria sintagmática XP , o núcleo pertencente à categoria lexical correspondente X ."

dois valores + ou -. A combinação desses traços e valores resulta na identificação dos núcleos lexicais, como no quadro (1):

Quadro 1: Identificação dos núcleos lexicais

	[+N]	[-N]
[-V]	Nome	preposição ⁸
[+V]	Adjetivo	verbo

As principais categorias funcionais, segundo Fukui e Speas (1986, apud Raposo, 1992), são: SFI (ou IP, do inglês *Inflectinal Phrase*), SCOMP (ou CP, *Complementizer Phrase*), SDet (ou DP, *Determiner Phrase*). Estas se distinguem das categorias lexicais pelas seguintes características citadas por Raposo (op. cit, p.209):

- (i) *possuem uma (e uma só) posição de especificador*
- (ii) *formam classes fechadas (e restritas) de elementos*
- (iii) *não possuem o valor semântico normalmente associados às categorias lexicais*
- (iv) *subcategorizam obrigatoriamente um (e um só) complemento.*

Segundo a Teoria X-Barra proposta por Fukui e Speas (ibidem), as categorias (N, V, P e A) não projetam no nível XP e não licenciam um especificador, sendo capazes de projetar apenas em nível X'. Como já mencionamos, as categorias funcionais SFI, SDet e SCOMP projetam no nível XP, bem como no nível X'.

Observe a formulação de Fukui e Speas (1986, apud Guilfoyle 1990:23) para as categorias funcionais: *Functional Projection Theorem: A functional head projects to the X" level iff there is Kase to be discharged to its Spec position. Otherwise, it projects only to X'.* Esta formulação dita, conseqüentemente, duas mudanças para as categorias lexicais, citadas por Guilfoyle (ibidem): 1. *Only X" can be a blocking category.* 2. *Lexical heads project only to X'.*

⁸ Conforme Chomsky (1994:99) "preposição ou posposição, consoante a forma como os parâmetros de núcleos-complemento são fixados na língua em questão."

O SDet constrói a referencialidade funcional a um SN, dominando-o, de modo paralelo, a categoria SV, que é dominada por SFI, que atribui referencialidade para SV.

Pollock (1989:365) sugere que a referencialidade levada por SFI à SV seja caracterizada pelos núcleos Agr e T. Atentemo-nos às palavras do autor:

I will provide empirical arguments in favor of the view that Infl(ection) should not be considered as one constituent with two different sets of features ([± Tense, ± Agr]) and that instead each of these sets of features is the syntactic head of a maximal projection, AgrP and IP (the latter to be called, more perspicuously, T(ense)P).

Os componentes de SFI (ou IP) dão ao constituinte verbal (SV) o estatuto de sentença; contudo, as categorias funcionais, de modo geral, dominam o constituinte verbal, correspondendo a um grupo de propriedades que giram em torno dele.

1.2 A Teoria Temática

A Teoria Temática é um módulo da Gramática que se ocupa da estrutura temática e de como esta se articula com a estrutura sintática.

Os núcleos lexicais, como já mencionamos, são diferentes dos funcionais, pois, aqueles podem ou não seleccionar semanticamente seus argumentos, ou seja podem funcionar como predicados. De modo geral, um predicado atribui um papel temático (θ) a cada um dos seus argumentos, ou, ainda, um predicado selecciona um determinado número de argumentos com uma dada função temática. Resumidamente, a Teoria Temática estuda a atribuição dos papéis θ codificados pelas informações lexicais relativas a s-seleção em Estrutura Profunda.

Os predicados podem atribuir papéis- θ por meio de marcação direta, quando o predicado é um núcleo X e o argumento é interno; ou indireta, quando o atribuidor do papel- θ não é apenas o núcleo, como também o seu argumento, ou seja, a categoria intermediária X'.

O número de argumentos determinado pela grade temática do predicado compõe uma estrutura sintática, na qual são dispostos os papéis temáticos, e ambos, os argumentos e os papéis temáticos, são gerenciados pelo Critério Temático, que, para Chomsky (1994:187), "exprime a idéia intuitiva de que a cada argumento é atribuído o seu papel- θ , numa única posição- θ (concretamente em estrutura-P), e que cada papel- θ disponível tem de ser atribuído a um argumento".

A posição- θ constitui-se em toda posição sintática para a qual um núcleo lexical atribui uma função- θ (por exemplo, Agente, Tema, Meta, Instrumento etc), ou, ainda, aquela que cumpre uma função gramatical dada, tal como sujeito, objeto e assim por diante. As posições- θ formam um subgrupo do conjunto das posições-A, isto é, das posições que podem ser ocupadas por um argumento.

O fato da atribuição de papel- θ dá-se nas posições- θ , revelando que esta atribuição aplica-se em EP. O princípio que garante a preservação da estrutura dos constituintes com sua grade temática e os seus respectivos papéis temáticos é o "Princípio de Projeção", que, de acordo com Chomsky (op. cit. p. 97), "estipula que a estrutura lexical deve ser representada categorialmente em cada nível sintático.", (nível EP, ES e FL). Segundo a extensão deste princípio, denominado "Princípio de Projeção Estendido", postula-se que, em todas as sentenças, de todas as línguas, há um sujeito.

É importante salientar que o movimento de constituintes da EP para um outro nível de representação não apaga a posição de onde o constituinte foi deslocado, e esta posição passa a ser ocupada por uma categoria vazia (*ec*, do inglês *empty category*) em ES e FL. À representação abstrata deste movimento chamamos de cadeia, sendo a cabeça da cadeia o argumento movido e a cauda da cadeia, o vestígio na posição θ ocupado pela cabeça da cadeia em EP.

Considerando as cadeias existentes nas línguas, reformula-se o Critério- θ , como mostra Silva (1996:25), abaixo:

Critério Temático (segunda versão)

a. Todo argumento deve aparecer em uma cadeia que comporte um papel temático;

b. Todo papel temático é atribuído a uma cadeia contendo um e apenas um argumento.

Por fim, tanto a cabeça da cadeia quanto a cauda são posições não- θ .

1.3 A Teoria do Caso

Com a Teoria do Caso (abstrato), Chomsky propõe que a marcação casual dos SDets (ou SNs) seja um fenômeno universal. A marcação casual é um fenômeno sintático que pode expressar-se concretamente (caso morfológico) ou abstratamente (Caso abstrato), tendo, este último, uma existência postulada para qualquer língua.

Tendo em vista que este trabalho pretende abranger o estudo da ordem das categorias sintagmáticas da língua Kaiowá/Guarani, faz-se necessário citar Chomsky (1994:95), quando mencionar a relação deste fenômeno com a Teoria do Caso:

Trabalhos posteriores sugeriram que a ordem dos componentes pode ser, em grande parte, determinada por outros princípios gerais da GU. Por exemplo, um princípio da teoria do Caso é um princípio de adjacência do Caso, que requer que em línguas em que este não está realizado morfológicamente um elemento casualmente marcado tenha de estar adjacente ao seu atribuidor casual (com algumas variações)...

A Teoria do Caso estabelece um princípio que regula a atribuição de Caso, o Filtro de Caso. Este princípio garante que um SDet pronunciado tenha Caso. A formulação enunciada por Rouveret (1987, apud Silva, 1996:25), para *Filtro de Caso* é a seguinte: [SN α], se α é dotado de matriz fonética e não é marcado por Caso. Este Filtro de Caso não se aplica, em princípio, a [SN α], se α for um *ec* (categoria vazia), contudo, se este *ec* estiver envolvido numa cadeia, nele será

descarregado o Caso, que lhe é garantido pelo elemento lingüístico em que este *ec* estiver co-indexado.

O nível de representação relevante para a atribuição de Caso é a estrutura de superfície, podendo o SDet ficar sem Caso na Estrutura Profunda.

Os contextos de atribuição de Caso, basicamente, são três, nos quais um SDet (ou SN) recebe Caso Nominativo da Flexão, com T e Agr, ou recebe de uma P o Caso Oblíquo, ou, ainda, Caso Acusativo atribuído por V.

De modo geral, a Teoria Temática e a Teoria do Caso estabelecem que, para uma sentença ser licenciada, seus argumentos têm que possuir papel- θ e Caso.

1.4 A Teoria da Ligação

A Teoria da Ligação é o módulo da GU que estuda a distribuição dos elementos anafóricos e pronominais, estando atenta às relações de co-referência⁹ entre os diversos tipos de SDets e seus índices referenciais.

Segundo a teoria da Gramática Gerativa, as línguas humanas exibem três tipos de SDets lexicalmente realizados, que possuem uma relação de co-referência numa posição-A: a anáfora, a proposição e a expressão-R. Por outro lado, as línguas podem apresentar um outro tipo de elemento, o PRO, que ocupa uma posição A-barrado, que será explicitado melhor, ainda neste tópico.

Tomemos, por ora, a definição de ligação ou vinculação formulada por Chomsky (1994:169), para melhor especificar os três tipos de SDets com matriz fonética: "Diz-se que α liga β se α c-comandar β e estiver com este co-indexado. α liga localmente β se α ligar β e não houver qualquer γ tal que α ligue γ e γ ligue β ."

Os SDets lexicalmente realizados diferem-se uns dos outros segundo o modo como adquirem um valor referencial. Uma anáfora possui, necessariamente, um antecedente que a c-comanda e que a ela esteja co-indexado. A essa

⁹ Co-referência é a relação entre elementos que se referem à mesma entidade no universo do discurso.

combinação de fatores chamamos de ligação ou vinculação; assim, o antecedente está no mesmo domínio de vinculação do SDet.

O pronome nega qualquer tipo de relação com um antecedente, ou seja, o pronome não é c-comandado por um antecedente dentro do mesmo domínio de vinculação.

A expressão-R é tida como uma categoria autônoma, por possuir seu próprio referencial e, se houver um antecedente, este não c-comanda a expressão-R em nenhum domínio.

Os princípios da Teoria da Ligação melhor enunciam as possibilidades que os SDets têm de serem co-referentes; veja abaixo:

Princípios de vinculação:

A: uma anáfora deve estar ligada em seu domínio de vinculação;

B: um pronome tem que estar livre em seu domínio de vinculação;

C: uma expressão-R tem que estar sempre livre. (Miyoshi et al., 1999:161)

Os Princípios de Ligação não se aplicam a PRO, por ele apresentar, contraditoriamente, uma característica proveniente dos pronomes (Princípio B) e uma característica própria das anáforas (possuem um antecedente co-referencial). Assim, para sair desta contradição, contempla-se a formulação do Teorema de PRO, que enuncia: PRO não tem domínio de vinculação.

As línguas apresentam, também, SDets sem matriz fonética que são: vestígio, variável, pro e PRO. Segundo Chomsky (1986:169),

... estes quatro tipos de expressão são as realizações de dois traços básicos: [a] ([anafórico]) e [p] ([pronominal]). O vestígio de SN é uma anáfora pura, [+a, -p], pro é um pronominal puro, [-a, +p]. As variáveis nem são anafóricas nem pronominais, sendo, por isso, [-a, -p]. PRO é considerado uma anáfora pronominal [+a, +p], que partilha propriedades com as anáforas e com os pronomes(...). Os mesmos traços podem classificar categorias lexicalmente realizadas. Assim, temos anáforas puras como os reflexivos e os recíprocos (himself, each other), pronominais puros (os pronomes) e expressão-R, que não são anafóricas nem pronominais (John, the child, etc.). Não existem anáforas pronominais lexicalmente realizadas, o que não é para admirar.

Com o intuito de possibilitar uma comparação entre as propriedades dos SDets com e sem matriz fonética, Miotto et al. (1999: 174) apresentam um quadro:

Quadro 2: Combinação dos traços [\pm anafórico, \pm pronominal] com as categorias realizadas lexicalmente e as vazias

Traços	SDets lexicalmente realizado	categorias vazias
[+anafórico, -pronominal]	anáforas	vestígio
[-anafórico, +pronominal]	pronomes	pro
[-anafórico, -pronominal]	expressão-R	variável
[+anafórico, +pronominal]	*	PRO

O quadro (2) elucida a correspondência entre as categorias realizadas lexicalmente e as vazias. Os vestígios de SDets são anáforas puras que obedecem ao Princípio de Ligação - A, cuja variável comporta-se como as expressões-R, obedecendo ao Princípio - C; a categoria PRO caracteriza-se por sua natureza mista e sua distribuição é explicada pelo Teorema de PRO, como já mencionamos; por fim, a categoria vazia pro, apresenta-se em duas instâncias: a primeira, tal como os pronomes pessoais, obedecendo, assim, ao Princípio de Ligação -B; a segunda, tal como pronomes expletivos, sem referência nem conteúdo semântico. Ambas procuram satisfazer o Princípio de Projeção Estendido, o qual garante que toda sentença tem um sujeito.

Vale lembrar que a existência ou não da categoria pro em línguas naturais é uma questão paramétrica, a que chamamos de Parâmetro do Sujeito Nulo (em Inglês, *Pro-drop*).

2. O Parâmetro da ordem e a tipologia das línguas

Conforme a Teoria X-Barra, a hierarquização entre constituintes é universal, mas sua ordenação não é. Observamos, anteriormente, que:

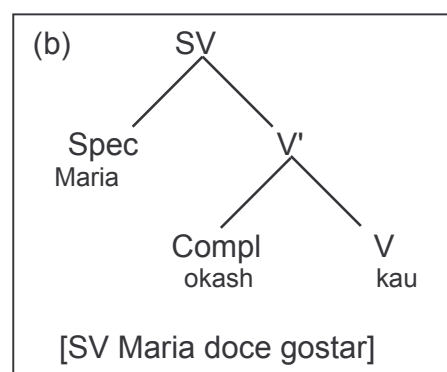
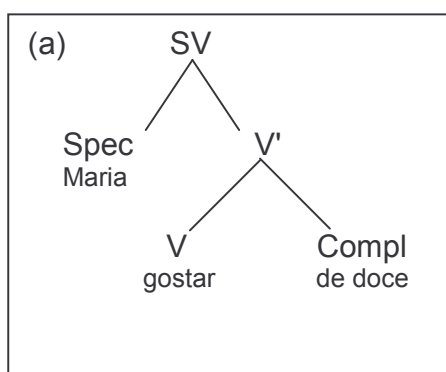
... cada categoria lexical X (X = N, V, A, P) é núcleo de uma categoria X' (X-barra), constituída por X e pelos seus complementos. Chamemos a X' uma projeção de X. Assumimos uma outra projeção, X'', constituída por X' e um especificador de X' (...). X' é a projeção máxima de X e X é o núcleo de X'' (e de X'). (Chomsky, 1994:165-166).

As categorias funcionais SFI, SDet e SCOMP são postuladas em ES, sendo projetadas em nível X'' e as categorias lexicais projetadas em nível X'. O SFI, por exemplo, licencia, na posição de especificador, um SDet marcado por Caso nominativo.

Dentro do modelo de princípios e parâmetros, quem determina a ordem linear dos sintagmas é o "parâmetro de ordenação do núcleo". Este parâmetro estabelece a ordem linear dos núcleos, especificadores e complementos que variam de uma língua para outra.

A ordem interna do constituinte SV, por exemplo, em língua portuguesa, é V à esquerda e Compl à direita, como em (3a); no japonês, a ordem entre o V e o Compl é invertida, como em (3b)

(3)



Podemos, assim, constatar que as categorias lexicais V (ou, em outros casos, as categorias de N, A e P), quando providas de complemento, apresentam duas possibilidades de ordenação: a primeira, quando o núcleo posiciona-se antes do complemento, como em português; a segunda, quando o núcleo posiciona-se depois do seu complemento, como em japonês. Se os complementos precedem os núcleos, tem-se uma língua de núcleo final (*Head-Final*), contrariamente, quando os complementos pospõem-se aos núcleos, tem-se uma língua de núcleo inicial (*Head-Initial*).

Stowell (1981, apud Raposo, 1992:187-189) propõe que estes mesmos parâmetros de núcleo inicial e núcleo final (*Head-Initial/Head-Final Parameter*) sejam determinados pela existência de uma condição de adjacência em X', sendo, assim, formulados a partir dos valores: [x' X⁰ Compl*] ou [x' Compl* X⁰] e [x" Spec X'] ou [x" X' Spec], que resultam do aprimoramento do esquema hierárquico da X-Barra que segue: X" → {X', (YP)} regra do especificador¹⁰ e X' → {X, (ZP)*} regra dos complementos.

As línguas, de modo geral, tendem a ser consistentes na fixação do parâmetro da ordenação do núcleo:

... por exemplo, a observação de uma língua à qual se encontra exposta tem preposições, e não posposições, permite à criança fixar o parâmetro com o valor [x' X Compl] e daí concluir que a ordem entre V e Compl é [V Compl*] em vez de [Compl* V], e assim sucessivamente para as outras categorias lexicais. (Raposo, 1992:188)*

No entanto, o autor adverte para a existência de línguas com ordenações mistas;

em que a ordenação entre uma dada categoria lexical e os seus complementos toma um valor diferente do das restantes categorias lexicais; ou mesmo em que itens lexicais diferentes de uma mesma categoria lexical entram em ordenações diferentes com os seus complementos. (Id., p. 189)

¹⁰ RAPOSO 1992, p. 186.

A ordem entre o especificador e X' pode ser captada por meio do parâmetro que tem os valores: [X" Spec X'] e [X" X' Spec]. Numa teoria sintática em que apenas um especificador é admitido e que este só pode ser licenciado por uma categoria funcional, entende-se que estas linearizações, sugeridas para a ordenação entre X' e o especificador, aplicam-se às projecções máximas de núcleos funcionais.

Chomsky (op. cit., p. 166) define a função de sujeito e a de objeto com relação ao verbo em EP, como segue:

Podemos agora definir a função gramatical objeto como o SN de X', e a função gramatical sujeito como o SN de X" (...). Assim, o objeto é um argumento interno s-seleccionado e θ -marcado pelo núcleo, enquanto o sujeito não é s-seleccionado, mas é θ -marcado pelo X' (FLEX' ou N') de que é especificador, geralmente de acordo apenas com as propriedades do núcleo lexical V ou N, por vezes composicionalmente. A teoria X-barras aplica-se em estrutura-P. As regras de movimento podem formar estruturas que não são conformes com o esquema X-barras; mas, em estrutura-P, que é uma projecção directa da estrutura lexical, sujeita a outras condições de legitimação (e. g., as que garantem a presença de sujeito da predicação), as condições da teoria X-barras são satisfeitas.

Assim, Raposo (op. cit., p.189) salienta que, se o SN-sujeito ocupar a posição de especificador da sentença (ou SFI) em estrutura de superfície e seleccionar o valor [X" Spec X'], são produzidas línguas SOV ou SVO, como o português, o Inglês, o japonês ou o turco; se a ordem for [X" X' Spec], são produzidas línguas VOS, como o malgache.

Travis (1984 e 1989) considera que apenas o Parâmetro de núcleo inicial e núcleo final não é suficiente para estabelecer a ordem dominante de uma língua e, em seus trabalhos, aponta para outros parâmetros de linearização formulados com base nas noções de Caso e de Função Temática.

Para Chomsky (op. cit.:166), estas noções são fundamentais para determinar o parâmetro da ordem:

A ordem dos elementos é determinada pelo conjunto de parâmetros que dizem respeito à direção da atribuição de Caso e de marcação- θ e por um parâmetro de direccionalidade <por defeito> (para a esquerda ou para a direita) para outros casos. A ordem dos Complementos é, ainda, determinada pelo princípio de adjacência do Caso.

O que deve ficar claro é que o parâmetro de ordenação do núcleo proposto por Stowell (1981, apud Raposo, 1992) envolve escolhas estritamente binárias, que determinam a ordem relativa dos constituintes dentro de um determinado nível sintagmático ou geral. Tomando isto como certo, propomos, juntamente com a descrição da estrutura sintagmática do Kaiowá/Guarani, a apresentação dos valores paramétricos fixados para o tipo de ordem das categorias lexicais e funcionais da língua em questão.

Não podemos deixar de citar o trabalho pioneiro de Greenberg (1966) que analisou dados empiricamente de 30 línguas diferentes, inclusive a língua Guarani, e assim, muito contribuiu com as primeiras postulações universais sobre a ordem entre o sujeito (S), o verbo (V) e o objeto (O). No que se refere à língua Guarani, entre outras, o autor descreve a ordenação dos constituintes sintáticos e sintagmáticos¹¹ da seguinte forma: Língua SVO - posposicional - NA (nome seguido de adjetivo) e DN (determinante seguido de nome).

De acordo com Raposo (op. cit., p.187), os trabalhos do Joseph Greenberg (1966) exerceram influência decisiva para a criação dos parâmetros da Teoria Gerativa. Neles o autor observou que em línguas preposicionais, o objeto tende a vir após o verbo e em línguas posposicionais, antes do verbo. Tal observação foi incorporada à Teoria Gerativa por meio do Parâmetro de núcleo inicial e núcleo final por Stowell (1981), Travis (1984), entre outros.

Para Greenberg, as línguas podem ser caracterizadas tipologicamente por obterem uma ordem dominante¹²:

¹¹ Greenberg, 1966, p. 109.

¹² Segundo Mori (1998:160) "El concepto de orden dominante en Greenberg corresponde a un tipo de estructura postulado considerándose los enunciados reales de la lengua, por tanto esa estructura hace del dominio empírico."

The vast majority of languages have several variant orders but a single dominant one. Logically, there are six possible order: SVO, SOV, VSO, VOS, OSV and OVS. Of these six, however, only three normally occur as dominant orders. The three which do not occur at all, or at least are excessively rare, are VOS, OSV and OVS. Greenberg (1966:76)

Hawkins (1982), sob um enfoque quantitativo, re-analisa os dados das 30 línguas estudadas por Greenberg, apresentando novas tabelas e novas leituras sobre as categorias sintagmáticas.

Na tabela de nº 1 do texto de Hawkins (1982:2), tem-se a descrição do Guarani como uma língua SVO, posposicional, com nome seguido de relatores e adjetivos, com genitivo e determinante, seguidos de nome e de verbo seguido de auxiliar. Posteriormente, o autor enfatiza que as características desta língua trazem problemas, pois, das 30 línguas analisadas, somente o Guarani e o Songhai são línguas V_2 , N_2 ¹³ e posposicional, acrescentando, ainda, que *And the unpredicted V aux order of Guarani is an exception to any predictions for N" complements of V.* (op. cit., p. 23)

Lehmann (1983:6) entende que as línguas podem ser caracterizadas tipologicamente de acordo com as possibilidades de ordenação entre o objeto e o verbo: *Among syntactic constructions, that of the verb with regard to its object is most fundamental. Since two orders of V and O are possible, there are two types of language, VO like English, and OV like Turkish.*

Diferente de Lehmann, Travis (1984:271) propõe a inclusão e não a restrição de um elemento dentre os tradicionalmente utilizados nas descrições tipológicas, uma vez que:

¹³ Para Hawkins (1981:26-27) " V_2 = verb-second (SVOX)" e "Postp & N Adj & N Rel & Gen N = N_2 ".

INF¹⁴ also plays an important role in word order typology. With only S, O, and V, German and Japanese have the same word order (S-O-V) and English and Irish have the same word order (S-V-O). With the addition of INF to the inventory of constituents, obvious distinctions in these languages may be accounted for. German is S-I-O-V, while Japanese is S-O-V-I. English is S-I-V-O while Irish is I-S-V-O.

Como podemos observar, por meio dos exemplos citados acima, a introdução de um novo elemento no conjunto dos constituintes abre para a explicação da tipologia da ordem e suas possibilidades de variação em línguas naturais.

Dryer (1997:69) propõe um parâmetro tipológico para ordem dos constituintes sentenciais:

The purpose of this paper is to present arguments in favour of an alternative to this six-way typology, one based on two separate 2-way typological parameters: OV vs. VO, and SV vs. VS. Together these two parameters define four types: VS & VO, SV & VO, SV & OV, and VS & OV. The first of these, VS & VO, which I will refer to as verb-initial, corresponds roughly to the two traditional types VSO and VOS; SV & VO corresponds roughly to SVO; SV & OV, which I will refer to as verb-final, corresponds to the two types SOV and OSV; and VS & OV corresponds to the rare type OVS.

Acreditamos que os parâmetros tipológicos estabelecidos por Dryer possam ser igualmente descritos pelo "parâmetro de ordenação de núcleo" proposto por Stowell (op. cit), que traz os valores: [x' X⁰ Compl*] ou [x' Compl* X⁰] e [x" Spec X'] ou [x" X' Spec], se considerarmos que X representa o verbo, Compl, o Objeto, e Spec, o Sujeito de uma sentença declarativa e afirmativa.

¹⁴ Para Travis (1984) o "INF is the element which expresses tense", já Pollock (1989) sugere que INF (ou FI) seja subdividido em Agr e T, como vimos em 2.1.1, Capítulo I.

CAPÍTULO II

CONTEXTO HISTÓRICO DO KAIOWÁ/GUARANI

1. Línguas Indígenas

Na época da chegada dos primeiros europeus ao Brasil, provavelmente, o número de línguas indígenas era o dobro do que é hoje. A causa maior desta redução foi o desaparecimento dos povos que as falavam, em consequência das campanhas de extermínio ou caça a escravos, movida pelos europeus, ou em virtude das epidemias de doenças contagiosas trazidas por estes, deflagradas involuntariamente (em alguns casos voluntariamente) no seio de muitos povos indígenas; ou pela redução progressiva de seus territórios de coleta, caça e plantio, ou, ainda, pela assimilação, forçada ou induzida, aos usos e costumes dos colonizadores. (Rodrigues, 1994).

O líder guarani Marçal Tupã-y (citado por Hoornaert, 1994:83) também conhece a história do desaparecimento dos povos indígenas¹⁵ pré-colombianos e as consequências acima citadas, pois em 1980 diante do papa João Paulo II, proferiu as seguintes palavras:

Dizem que o Brasil foi descoberto. O Brasil não foi descoberto, não, Santo Padre. O Brasil foi invadido e tomado dos indígenas do Brasil. Esta é a verdadeira história. Nunca foi contada a verdadeira história de nosso povo, Santo Padre.

Ao observarmos a tabela (1), podemos constatar que a população indígena atual na América Latina, depois de cinco séculos de dominação estrangeira, demonstra uma notável resistência por parte destes povos. Esta tabela foi

¹⁵ Para Darcy Ribeiro (1957, apud Melatti, 1983:25-26), no Brasil, indígena é "aquela parcela da população que apresenta problemas de inadaptação à sociedade brasileira, motivados pela conservação de seus costumes, hábitos ou meras lealdades que a vinculam a uma tradição pré-colombiana. Ou, ainda mais amplamente: índio é todo indivíduo reconhecido como membro por uma comunidade pré-colombiana que se identifica como etnicamente diversa da nacional e é considerada indígena pela população brasileira com que está em contato."

publicada por Hoornaert (1994:90), todavia, esclarece o autor que não pretende ser a última palavra sobre o assunto, e que esta tabela tem apenas um valor aproximativo das populações indígenas da América Latina.

Tabela (1): População indígena na América Latina

País	População indígena (%)
Bolívia	71
Peru	47
Guatemala	42
Equador	27
Belize	19
Honduras	16
México	12
El Salvador	5,6
Panamá	5,2
Argentina	1,2
Venezuela	3
Colômbia	2
Brasil	0,13

Falam-se no Brasil, hoje cerca de 170 línguas indígenas.¹⁶ Ressalta-se que as populações indígenas brasileiras que utilizam estas línguas representam 0,13% da população total do país. É difícil respeitar os remanescentes desses povos. Por ora, vale considerarmos as palavras de Rodrigues (1994:27):

¹⁶ Segundo os dados de BORGES (2000:18).

Cada língua indígena brasileira não só reflete, assim, aspectos importantes da visão de mundo desenvolvida pelo povo que a fala, mas constitui, além disso, a única porta de acesso ao conhecimento pleno dessa visão de mundo que só nela é expressa. As múltiplas visões de mundo dos povos indígenas brasileiros - com todo o complexo cultural, social e emocional a elas associado - têm importância crítica para o conhecimento humano por se ter desenvolvido, durante alguns milhares de anos, com total independência histórica em relação às tradições culturais asiáticas e européias, que caracterizam a civilização ocidental.

2. A família Tupi-Guarani: breve panorama histórico

A cultura Guarani foi formando junto com a cultura Tupi, uma só família, caracterizada pela comum esperança numa "terra sem males", que motivou as impressionantes andanças que os povos Tupi-Guarani realizaram por espaços imensos.

Segundo Hoornaert (1994:65), no mundo Tupi-Guarani, a "terra sem mal" (*yvy marane'y*)

é antes de tudo lugar de abundância: o milho cresce sozinho e a flecha se dirige automaticamente à caça. Tem livre, sem prescrições nem proscricções, sem leis nem governantes. É a contra-ordem, a plenitude da liberdade, Essa terra é prometida no próprio local onde a gente vive, não é um "céu" nem um "reino" que há de vir, mas consiste fundamentalmente na abolição de toda e qualquer forma de poder de uns sobre os outros.

A família Tupi-Guarani destaca-se dentre outras famílias lingüísticas da América do Sul pela considerável extensão territorial na qual estão dispostos os falantes de suas línguas. Desde o século XVI, encontraram-se línguas dessa família sendo faladas em praticamente toda a extensão do litoral oriental do Brasil e na bacia do rio Paraná. (Rodrigues, 1994)

A dispersão geográfica das línguas da família Tupi-Guarani, segundo (Borges, 2000), indica que os antepassados dos povos que as falam empreenderam muitas e longas migrações. A característica migratória pré-colombiana dos Tupi-Guarani pôde ser observada também depois do início da colonização européia no Brasil e na América espanhola. Estas migrações levaram

os Tupi-Guarani pré-históricos a ocupar a costa do Brasil, onde os encontraram os portugueses em 1500.

Apesar dessa enorme dispersão geográfica, as línguas dessa família mostram pouca diferenciação. Observe os seguintes exemplos, que transpusemos da obra de Rodrigues (1994:32) e que representam o Guarani Mbyá do Paraná (M), o Tapirapé do Araguaia (T), o Parintintín do rio Madeira (P), o Wayampí do norte do Amapá (W) e a Língua Geral do alto rio Negro, no noroeste do Amazonas (LG).

	M	T	P	W	LG
pedra:	itá	itã	itá	takúru	ita
fogo:	tatá	tãtã	tatá	táta	táta
jacaré:	djakaré	txãkãré	djakaré	iakáre	iakaré
pássaro:	gwyrá	wyrã	gwyrá	wýra	wirá
onça:	djagwareté	txãwãrã	dja'gwára	iáwa	iawareté
ele morreu:	omanõ	amãñõ	omanõ	ománo	umanú
mão dele:	ipó	ipá	ipó	ípo	ipú

A família Tupi-Guarani é constituída por cerca de 28 línguas vivas¹⁷, que foram identificadas em território brasileiro e que estão figuradas na tabela (2). Estas línguas são faladas por cerca de 33.000 pessoas.

A tabela (2) foi delineada por Rodrigues (1994:39), e nela o autor apresenta, na primeira coluna, as línguas da família Tupi-Guarani faladas no Brasil, na segunda, o número de referência usado no mapa "Povos Indígenas e Presença Missionária", publicado pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI; Brasília, 1985); em seguida, indica o Estado da Federação em que a língua é falada; na última coluna, o número de falantes de cada língua.

¹⁷ Segundo informações obtidas junto ao Departamento de Documentação da Funai, encontram-se, no Brasil, seis as línguas da família Tupi-Guarani, são elas: Tenetehára, Guarani, Apiaká, Tapirapé, Kamayurá e Kawahíb. Fica evidente a discrepância existente entre os dados referentes ao número de língua e de povos indígenas do Brasil.

Tabela 2: As línguas da família Tupi-Guarani no Brasil

Línguas	N.º no mapa do Cimi	Estado	Falantes
Akwáwa			
Asuriní do Tocantins (A. do Trocará, Akwáwa)	50a	PA	131
Suruí do Tocantins (Mudjetíre)	44	PA	101
Parakanã	51	PA	297
Amanayé	79	PA	?
Anambé (Turiwára)	66	PA	61
Apiaká	64	MT	(65) 2
Araweté	49	PA	36
Asuriní do Xingu (A. de Coatinema, Awaeté)			
	50b	PA	53
Avá (Canoeiro)	220	GO	101
Guajá	46	MA	240
Guaraní			
Kaiwá (Kayová)	5	MS	7.000
Mbiá (Mbüá, Mbyá, Guarani)	1	RS, SC, PR, SP, RJ, ES	2.248
Nhandéva (Txiripá, Guarani)	4	PR, SP, MS	4.900
Kamayurá	208	MT	207
Kayabí	63	MT	620
Kokáma	123	AM	(411) ?
Língua Geral Amazônica			
(Neengatú, Tupi Moderno)	—	AM	3.000
Omágua (Kambéba)	126	AM	(240) ?
Parintintín			
Diahói	152	AM	13
Juma	154	AM	9
Parintintín (Kagwahív)	159	AM	118
Tenharín	161	AM	256

Tapirapé	217	MT	202
Tenetehára			
Guajajara	36	MA	6.776
Tembé	48	MA, PA	410
Uruewauwáu	169	RO	215
Urubu (Urubu-Kaapór)	47	MA	494
Wayampí (Oyampí)	75	AP	291
Xetá	—	PR	5

Como já mencionamos, ao todo foram identificadas 28 línguas vivas da família Tupi-Guarani, em território brasileiro. De acordo com a tabela (2), hoje se falam línguas dessa família no Maranhão, no Pará, no Amapá, no Amazonas, em Mato Grosso, em Mato Grosso do Sul, em Goiás,¹⁸ em São Paulo, no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, o que caracteriza a dispersão geográfica destas línguas, que também são faladas fora do Brasil, como na Guiana Francesa, na Venezuela, na Colômbia, no Peru, na Bolívia, no Paraguai e na Argentina.

A língua Kaiowá, em Mato Grosso do Sul, especificamente, conta com um número maior de falantes, assim como a línguas Tenetehára (Guajajara e Tembé), no Maranhão e Pará, que possui cerca de 7.000 falantes. Assim, o Kaiowá e o Tenetehára são as línguas Tupi-Guarani mais populosas do Brasil. Há outras mais populosas, porém fora do nosso país.

No Brasil, a família Tupi-Guarani é um conjunto de línguas que se reconhece descenderem de uma língua anterior, neste caso pre-colombiana e não documentada historicamente. À língua ancestral da família Tupi-Guarani convencionou-se chamar Proto-Tupi-Guarani, sendo sua existência concluída a

¹⁸ Segundo os dados populacionais do censo realizado pela Funai em 1995, os índios Ava Canoeiro, parte integrante da Família Tupi-Guarani, legitimamente vivem no estado de Goiás. Com a divisão deste estado e com a criação do estado de Tocantins, conseqüentemente, os índios Ava Canoeiro passaram, também, a compor os dados referentes à população indígena deste novo estado.

partir de correspondências sistemáticas entre os sons, as gramáticas e os vocabulários das línguas desta família.

É sabido que, além da família Tupi-Guarani, muitas outras famílias lingüísticas têm sido reconhecidas na América do Sul, entretanto, algumas delas situam-se exclusivamente dentro dos limites do Brasil e revelam um parentesco mais remoto com a família Tupi-Guarani, constituindo, o Tronco Tupi.

3. A cultura Guarani

Segundo Hoornaert (1994:91), a palavra, para cultura Guarani, tem fundamental importância para o seu povo. "Essa palavra nasce do sonho, um sonho fascinante a esclarecer a vida toda com sua luz interna. A palavra, a profecia e a dança compõem a essência da religião Guarani."

Meliá (1992:243) também sugere a língua (ou palavra) Guarani como essência da cultura de seu povo:

La lengua guaraní indígena es sobre todo la lengua de una sociedad sin Estado, organizada socialmente sobre la base de la familia extensa, regida políticamente por la asamblea, vivida religiosamente en el canto y la danza y celebrada en la fiesta, donde el intercambio propio de la economía de reciprocidad tiene su expresión privilegiada. El ideal de hombre guaraní como "señor de la palabra" en la asamblea y en la fiesta donde se dan "hermosas palabras" y se convida a beber la chicha, kaguî, en cantos y danzas que son puesta en común de palabras y gestos.

Segundo Hoornaert (1994:31-33), o povo Guarani, no início da colonização do Paraguai, foi subordinado aos desígnios da coroa espanhola. Parte destes índios foi incorporada pelas engrenagens da imensa e complexa máquina colonial espanhola, sofrendo um terrível e imediato ocaso demográfico.

Um segundo grupo, chamado de índios missionários pelo autor, encontrou refúgio da sanha colonialista nas reduções dos missionários jesuítas espanhóis e portugueses, porém, com o fim destas reduções e a expulsão dos jesuítas das colônias ibéricas, esses Guarani das missões foram vitimados por freqüentes e violentas expedições de apresamento por parte dos bandeirantes paulistas e pela

cobiça dos espanhóis. Os índios que sobreviveram a este genocídio não retornaram às matas; ao contrário, como muitos deles haviam aprendido ofícios diversos, tornando-se artesãos, marceneiros, carpinteiros e músicos, dirigiram-se aos grandes centros urbanos da época.

Um terceiro grupo Guarani permaneceu fora do alcance das garras coloniais, escondendo-se nas densas florestas paraguaias. Segundo Meliá (citado por Hoornaert, 1994:33), os atuais Guarani Mbyá, Ñandéva e Kaiowá do Brasil descendem deste terceiro grupo.

Nos termos de Meliá (1992:245) "De las antiguas "provincias" guaraníes, cuatro pueblos han conservado su modo de ser étnico fundamental, fundado y expresado en cultura y lengua propias. Son los avá katú eté¹⁹, los mbyá, los paĩ-tavyterã y los chiriguanos."

Segundo Pereira, os atuais Guarani Mbyá, Ñandéva e Kaiowá

apresentam grande similaridade do ponto de vista lingüístico, da organização social e do sistema religioso. As diferenças entre os três sub-grupos que podem parecer pequenas do ponto de vista do analista - são apropriadas como importantes elementos distintivos." (Pereira, 1999:14)

De outro prisma, Schaden (1974:2) observa que "Em que pese a ligeira variações entre as numerosas aldeias, a divisão em três subgrupos se justifica por diferenças sobretudo lingüística, mas também por peculiaridades na cultura material e não-material.". Entretanto, todos se consideram "parentes", em parte, por uma crescente conscientização quanto a sua condição de etnia marginalizada no contexto nacional. Ressalta-se ainda que a existência de três dialetos Guarani em território brasileiro pode ser verificada com maior facilidade, mas não há dúvidas de que, fora do Brasil, existem outros. Segundo Meliá (1997, apud Brand, 1998:22):

¹⁹ A língua Avá katú eté também é denominada de Avanêém, ou ainda, Guarani Paraguai.

há no Paraguai hoje, um total de 8.026 índios Pãi-Tavyterã, distribuídos em 42 comunidades, localizadas, especialmente, no Departamento de Ambambay e em menor número em Concepción, Canindejù e, San Pedro (1997:99 e ss); há ainda um total de 6.918 Ava-Guarani (Chiripa) localizados nos departamentos de Canindejù, Alto Paraná e San Pedro, distribuídos em 34 comunidades (Idem, p. 119-120). Os Mbyá seriam ainda um total de 4.744, distribuídos em 55 comunidades que, embora estejam concentrados especialmente nos Departamentos de Caaguazú, Caazapa e Alto Paraná, "ocupan espacios en casi todos los departamentos del país".

Atualmente os guaraní Mbyá, em sucessivas levas, deslocam-se do sudoeste do Brasil, do nordeste da Argentina e do Paraguai oriental em direção ao leste, até alcançarem o litoral atlântico, o qual passam a acompanhar em direção ao nordeste, refazendo, mais de quinhentos anos depois, as migrações que levaram seus parentes pré-históricos a ocupar a costa do Brasil, onde os encontraram os portugueses em 1500.

4. O Kaiowá/Guarani em Mato Grosso do Sul

A população Kaiowá/Guarani, em Mato Grosso do Sul, é de 25.000²⁰ pessoas, distribuídas em 22 áreas. Destas, oito são reservas demarcadas entre 1915 e 1928; as demais são aldeias tradicionais reocupadas a partir da década de 1980. A população nas reservas chega a alcançar índices que variam entre 1.000 e 7.000 habitantes, enquanto as demais aldeias abrigam uma população entre 150 e 300 pessoas. (Brand, 1997)

De acordo com o Conselho Indigenista Missionário (CIMI, 1979; apud Dooley, 1991b:2), a população específica de índios Ñandéva, na área indígena de Dourados, gira em torno de 600; outros poucos encontram-se na região de Caarapó, a maioria, entre os 550 indígenas da região do Pirajuy, a minoria entre os 600 índios de Ramada e a maioria entre 600 índios da região de Jacarey,

²⁰ As estimativas numéricas referentes ao povo Kaiowá/Guarani, que vivem no Brasil, variam intensamente. Segundo o censo realizado pela Funai em 1995, em Mato Grosso do Sul, vivem 45.259 habitantes indígenas, entre Camba, Guató, Kadiwéu, Ñandéva, Kaiowá e Terena. Em 2001, o Departamento de Documentação da Funai, informa que são 10.483 índios Kaiowá/Guarani que vivem em Mato Grosso do Sul.

evidenciando, ainda que outras fontes colocam o número de Ñandéva, em Pirajuy, em 1.600 índios ou mais.

No entanto, estudos mais recentes revelam que a Região da Grande Dourados²¹ conta com a presença dos Ñandéva, especialmente em duas reservas, a de Porto Lindo ou Jacarey e a de Pirajuy, tendo ainda a presença de grupos familiares Ñandéva em praticamente todas as demais reservas onde predominam os Kaiowá. Os Ñandéva são os únicos que se autodenominam de Guarani em Mato Grosso do Sul.

Schaden (1974:4) já relatou que "os Kayová parecem estar confinados a uma série de aldeias do Sul de Mato Grosso (como Dourados, Panambi, Teicuê, Taquaripi, Amambaí e outras) e de regiões contíguas do Paraguai."

Melía (1992:247) refere-se assim aos índios Kaiowá :

Del tiempo que eran conocidos como caaguá selváticos ha quedado la denominación de kayová usada todavía en el Brasil. Su autodenominación, sin embargo, es la paî-tavytêrã, con clara alusión a su modo de ser religioso: paî sería o título con que dioses y habitantes del paraíso saludan y se dirigen la palabra , y tavytêrã: (los futuros habitantes del poblado del centro de la tierra) (...). Refugiados en zonas poco transitadas, estos guaraníes se encuentran hoy divididos entre el Paraguay y el Brasil, en la zona fronteriza que separa el Departamento de Amambay del Estado brasileño de Mato Grosso Sur. Las estimativas son también en este caso meramente aproximativas. Con fundamento se puede dar la cifra de unos 17.000.

Brand (1998:29-42) afirma que a história da região abrangida pelo território Kaiowá/Guarani com a chegada dos colonizadores pode ser entendida em diferentes fases, por ocorrer em momentos diferentes. Segundo o autor, a partir de 1943, inicia-se, na região da grande Dourados, a implantação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados, atingindo em cheio inúmeras aldeias; já nas áreas de mata, a chegada das fazendas agro-pecuárias ocorre a partir de 1950.

Historicamente, os Kaiowá têm buscado refúgio nas regiões de mata, onde constroem suas aldeias. A destruição destas aldeias está relacionada diretamente

²¹ Segundo Brand (1998:21), a região da grande Dourados compreende um total de 30 municípios localizados dentro do que, historicamente, é considerado território tradicional Kaiowá/Guarani.

ao avanço do desmatamento e correspondente implantação das fazendas localizadas, particularmente, na região de Caarapó e Juty, na região de Amambaí, Tacuru, Iguatemi. Durante a década de 1970, a destruição destas aldeias continuou a ocorrer, em especial as áreas Ñandéva, tais como Sombreiro, Ypo'i/Triunfo, Potrero Guasu e outras. O mesmo aconteceu com as aldeias da região de Jaguapire, Campanário e algumas aldeias próximas a Amambaí e Caarapó, tais como Samakuã, Ouro Verde, São Pedro, KM XX, Javorai, Ibikui, Campo Seco e Lima Campo, onde o desmatamento ocorreu em período mais recente.

Brand relata, ainda, que tal confinamento acentuou-se durante a década de 1980, e que não foi apenas geográfico, mas também cultural, pois (é importante frisar) foi neste momento que as taxas de suicídio entre os Kaiowá/Guarani cresceram.

Por ora, não podemos deixar de citar a visão do índio Terena (1992:20) em relação ao povo Kaiowá:

...o povo, chamado Caiuá, deixa claro aos olhos do mundo: não queremos migalhas dessa terra que um dia foi totalmente nossa. Ou vivemos com o que há de mais valioso na vida das pessoas - a dignidade - ou então nos será melhor seguir o mesmo caminho dos Caiuás, que com a mesma coragem de seus antepassados olharam o auto-extermínio com dignidade. Só neste ano, mais de 23 Caiuás, na maioria jovens, optaram pelo suicídio. A reserva Caiuá, numa das áreas mais ricas em agricultura do Mato Grosso do Sul, se encontra ilhada entre as grandes plantações de soja e a segunda maior cidade do estado. Mais um exemplo prático de um povo que era rico em sua identidade cultural e econômica e que hoje, sob o risco de perder as duas, se encontra no meio do caminho; não consegue mais ser índio, mas também nunca será branco.

Como podemos notar, a atual situação vivenciada, pelos Kaiowá/Guarani é de extrema dificuldade, pois são inúmeros os problemas relacionados, particularmente, com a quebra de valores e papéis tradicionais, tais como:

alto índice de suicídio e alcoolismo; a reprodução da organização familiar; as dificuldades para garantir a produção econômica, o que gera um alto índice de desnutrição, especialmente entre as crianças, bem como a permanência de um quadro generalizado de doenças relacionadas direta ou indiretamente, à baixa qualidade alimentar; a maciça entrada das Igrejas Neopentecostais, especialmente nestes últimos anos, frente à desestruturação das práticas religiosas tradicionais; o papel da escola formal e o baixo aproveitamento de seus alunos, entre outros. (Vietta & Brand, 1998:11).

Os Kaiowá/Guarani exercem, atualmente, o trabalho assalariado, que são realizados sob forma de contratos coletivos em fazendas fora das áreas indígenas; a produção das roças que plantam, ou, ainda, o trabalho em usinas de produção de álcool, cortando cana-de-açúcar .

De acordo com Vietta & Brand (1998), os problemas atualmente vivenciados pelos Kaiowá/Guarani estão intimamente ligados ao extremo contato deles com a sociedade envolvente, tendo, como conseqüências mais comuns: a perda de parte significativa do território tradicional, o confinamento de um grande contingente populacional nas reservas indígenas, a degradação ambiental das áreas ocupadas e, conseqüentemente, a necessidade de garantir a maior parte da economia fora da aldeia.

CAPÍTULO III

DESCRIÇÃO E ORDENAÇÃO DAS CATEGORIAS SINTAGMÁTICAS

1. A descrição e a ordem das categorias lexicais e funcionais

O principal objetivo deste capítulo é descrever algumas das categorias sintagmáticas da língua Kaiowá/Guarani e a ordem entre seus elementos constituintes, tendo em vista a proposta de Travis (1984:32), que envolve dois principais aspectos: (1) *What order the maximal projections (i.e., non-heads) must have in relation to the head, and (2) what order they must have in relation to one another.*

Tomamos a perspectiva da variação de ordem linear, que apresenta os valores paramétricos: [X'' Spec X'] ou [X'' X' Spec] para as categorias funcionais e [X' X^0 Compl*] ou [X' Compl* X^0] para as categorias lexicais e funcionais. Instituídos por Stowell (1991: apud Raposo1992:186-9), serão utilizados por nós, por permitirem melhor caracterização das ordenações possíveis nos constituintes sintagmáticos que formam a sentença Kaiowá/Guarani, considerando, obviamente, os Princípios e Parâmetros Chomskianos (1986).

Considerando que a análise da estruturação e ordenação interna das categorias lexicais da língua K/G será subsidiada pela Teoria X-barras de Fukui e Speas (1986, apud Raposo, 1992:209-14), a descrição de cada uma destas categorias será realizada no nível da projeção intermediária X' , já que tais categorias são capazes de se projetar apenas neste nível. Somente as categorias funcionais SFI (ST e SAgr) e SDet podem projeta-se no nível X'' , por meio da combinação da projeção X' com um especificador; além disso, estas categorias subcategorizam obrigatoriamente um complemento.

Ressaltamos que é a partir de exemplos retirados dos dados de modalidade escrita, que foram devidamente assegurados pelos falantes como sendo sentenças gramaticais da língua K/G, que iremos analisar a constituição das

categorias sintagmáticas SV, SN, SA e SP, em EP, bem como as categorias funcionais; ST e SAgr, que são ambos núcleos de SFI, estas em ES.

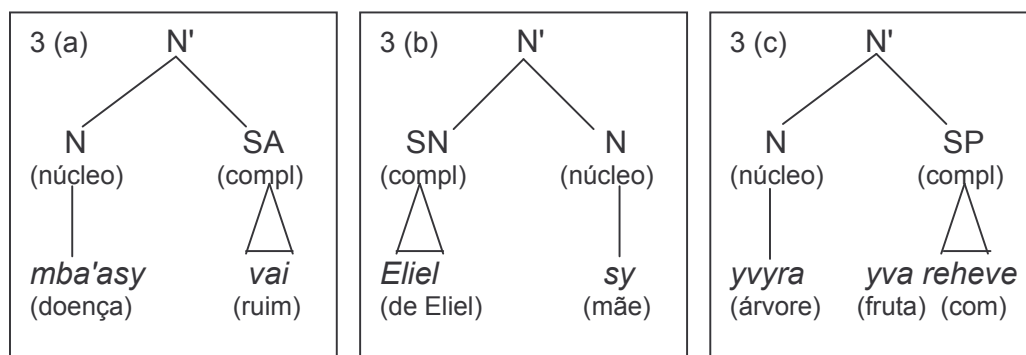
2. Descrição das categorias lexicais

Ao buscarmos descrever as categorias sintagmáticas lexicais (SV, SN, SA e SP) da língua Kaiowá/Guarani, partimos do pressuposto que estas categorias ocorrem em todas as línguas naturais.

2.1 Os constituintes internos de SN

Na estrutura interna de N', por estar em nível intermediário, assim como em qualquer outro núcleo lexical, estabelece-se uma relação hierárquica deste com seus constituintes, o complemento e o núcleo. Tal hierarquia entre os constituintes é universal, porém a ordem entre estes constituintes passa por uma escolha paramétrica, que o esquema categorial $[X' \text{ Compl}^* X^0]$, $[X' X^0 \text{ Compl}^*]$ pode bem caracterizar.

Os esquemas arbóreos de números 3 (a), (b) e (c) descrevem as possíveis subcategorizações realizadas por N' na língua Kaiowá/Guarani, nos quais podemos notar a escolha da ordem de seus elementos internos.



Levando-se em consideração os dados acima, pode-se cogitar que a ordenação dos constituintes diante do núcleo nominal na língua Kaiowá/Guarani tende a ser fixada, dentro do valor descrito pelo parâmetro [N' N Compl*] para complementos preenchidos por núcleos A ou P, pois somente em construções com caso genitivo, como em 3 (b), ocorre a inversão desta ordem paramétrica.

Tratando, especificamente do esquema 3 (a), verificamos a projeção N', que possui como núcleo o nome, *mba'asy*, subcategorizando um SA, projeção máxima do núcleo A, *vai*. Como mencionamos acima, a seleção do Compl por parte da projeção intermediária N' dá-se à direita do núcleo N.

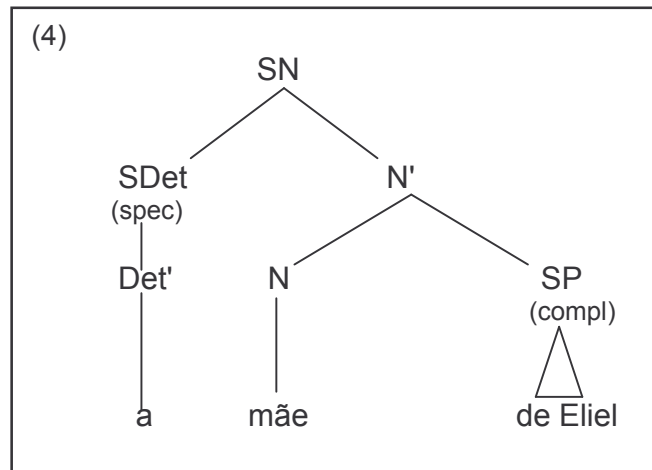
No que se refere à ordem dos núcleos, nome e adjetivo, descrita em 3 (a), em que o nome é seguido pelo adjetivo em Kaiowá/Guarani, esta estruturação pode ser avalizada pelas palavras de Greenberg ao referir-se à língua Guarani.

In Guarani, the adjective follows the noun, as would be expected. (...) Languages in which the adjective follows the noun may have numeral preceding while demonstrative does not, demonstrative preceding while numeral does not, both preceding or neither preceding. (Greenberg, 1966:86)

A estrutura 3 (b) é uma construção com sujeito genitivo na língua Kaiowá/Guarani. Tal construção dá-se pela expansão do SN, cujo núcleo é o N, *sy*, exibindo, ainda, na posição não nuclear de Compl, o nome próprio *Eliel*, que, nesta posição, recebe o caso genitivo do núcleo de SN.

Para contrastarmos a ordem do genitivo e do nome regente do Português com a ordem de ambos na língua Kaiowá/Guarani, língua dita, preferencialmente de ordem SVO, examinemos, também, o esquema arbóreo (4), relativo à língua portuguesa, que representa a mesma construção possessiva do K/G no exemplo 3 (b), estando tal representação arbórea, em Estrutura Profunda.

(4) projeção do nível SN com o SP genitivo em português



Em (4), a posição hierárquica de Spec é reservada para o artigo determinante e a posição de Compl para a projeção do SP genitivo. Tal complemento situa-se à direita do núcleo N, licenciado pela projeção intermediária N'.

Comparando 3 (b) e (4), vê-se que, na língua portuguesa (4), o genitivo (de Eliel) segue o nome regente (mãe), situando-se na posição Compl de SN, que tem como núcleo, a preposição (de) da projeção SP, de modo que, a atribuição de caso genitivo é realizada à direita pelo núcleo N, licenciado pela projeção intermediária N'. Diferentemente, em 3 (b), podemos verificar que a língua K/G apresenta o nome (sy) após o genitivo (Eliel), estando este situado à esquerda do núcleo de N', na posição de Compl, posição em que recebe o caso genitivo do núcleo N, sy, opondo-se à ordem da construção genitiva da língua portuguesa.

Seria o caso de pensarmos a atribuição de Caso efetuada em 3 (b) como estando de acordo com o princípio de adjacência do Caso, que, segundo Chomsky (1994:95), postula que um SN, não apresentando marcas morfológicas de caso, deve ser marcado casualmente pelo elemento a que se encontra adjacente. Assim, confirma-se que, em 3 (b), o núcleo de N', o nome sy, atribui o caso genitivo ao nome Eliel, por este ocupar a posição de Compl e por ser

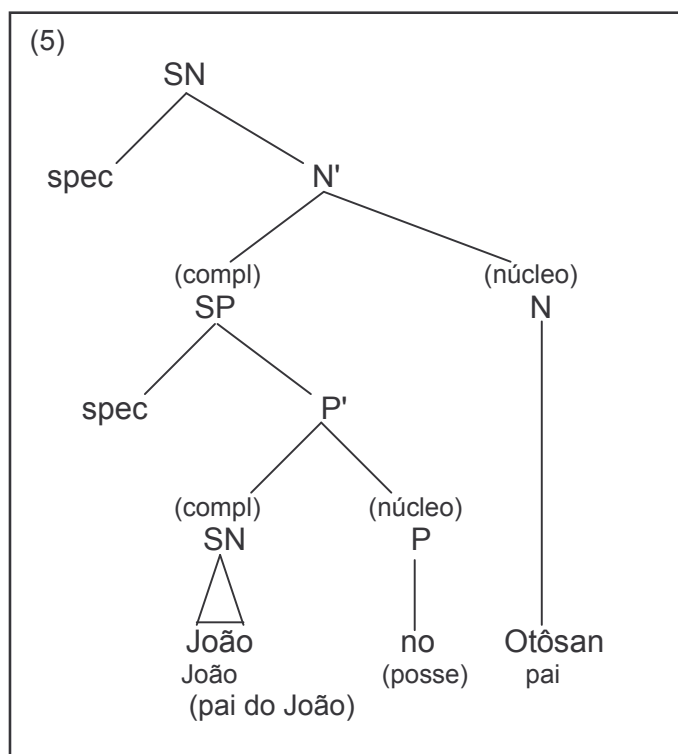
adjacente a tal núcleo, mesmo que a direção desta atribuição seja pela esquerda e não à direita, como ocorre com o português.

Também a partir da comparação entre os esquemas 3 (b) e (4), cogitamos a idéia de que as características contrastivas entre as duas línguas podem vir a evidenciar a língua K/G como sendo uma língua posposicional e o português como preposicional. Tal pensamento pode ser avalizado por um dos universais postulados por Greenberg (1966:78): *Universal 2. In language with prepositions, the genitive almost always follows the governing noun, while in languages with postpositions it almost always precedes.*

Se pensarmos a língua Kaiowá/Guarani e a português do Brasil²² como sendo línguas, preferencialmente, de ordem SVO e se considerarmos que, na primeira, a ordem entre o genitivo e o nome é G/N e, inversamente, na segunda língua é N/G, poderemos reafirmar, a partir do universal 2 de Greenberg, que a língua Kaiowá/Guarani difere-se da língua portuguesa por esta ser preposicional e não posposicional como a outra.

O universal 2 de Greenberg também pode ser conferido em (5), um esquema que representa a projeção do nível N' com SP-complemento em japonês, dado exibido por Gonçalves (1997:82) em seu estudo sobre a transferência do parâmetro núcleo final da língua japonesa (L1) para a língua portuguesa (L2), por parte de crianças japonesas em fase de aquisição de L2.

²² Para melhor elucidar sobre a ordem tipológica SVO do português do Brasil, confira a Tese de Oliveira (1989).



Como podemos ver, em (5) temos a manifestação do genitivo antes do nome em uma língua posposicional, como a língua japonesa; caso semelhante é o da língua K/G, como vimos em 3 (b). Entretanto, o Kaiowá/Guarani diferencia-se do japonês e do português por não apresentar um SP como complemento de 'N genitivo. Veja outros exemplos²³: *ore te'yi reko* (*ore* - nossa, *te'yi* - índio, *reko* - comida; comida de nós índios), *pyhare hendy* (*pyhare* - noite, *hendy* - luz ; luz da noite) e *pira jará* (*pira* - peixe, *jará* - dono; dono do peixe).

Ainda em (5), podemos visualizar a projeção dos constituintes de SN sob o viés da Teoria X-Barra. Portanto, contemplemos a manifestação do núcleo de N' à direita de seu Compl, o que evidencia o valor paramétrico [X' Compl* X^o] à língua japonesa, língua de núcleo final, como bem expõe Gonçalves (op. cit.).

Se atentarmos para o esquema 3 (c), verificaremos que, na estrutura interna dos N's da língua K/G, tem-se a subcategorização do SP, projeção máxima

²³ O primeiro, o segundo e o terceiro exemplo possuem as respectivas referências: (A. 3:19 p.9), (A. 5:2 p.12) e (A. 14:8 p.23).

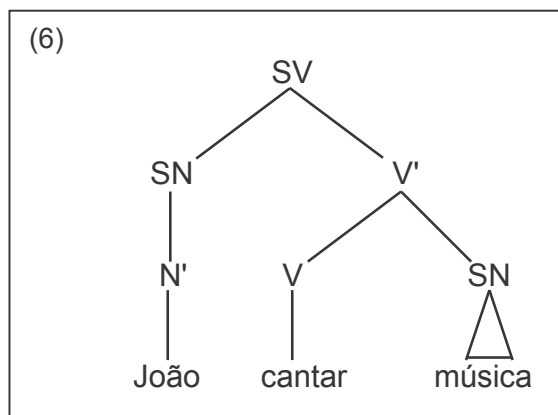
do núcleo P, em posição de Compl de N', assim como ocorre com a língua portuguesa; contudo o núcleo da projeção SP, em português, é uma preposição e, em K/G, uma posposição. Vale considerar, ainda, que, em ambas as línguas, a escolha de ordem paramétrica para Compl de N' é idêntica, tendo o mesmo o valor paramétrico [N' N Compl*].

Contudo, faz-se necessário atentarmos para as semelhanças existentes entre as estruturas genitivas e as posposicionais da língua Kaiowá/Guarani com as da língua japonesa, o que nos possibilita sugerir que, assim como o japonês, a línguas K/G apresenta características estruturais de língua SOV.

2.2 Os constituintes internos do SV

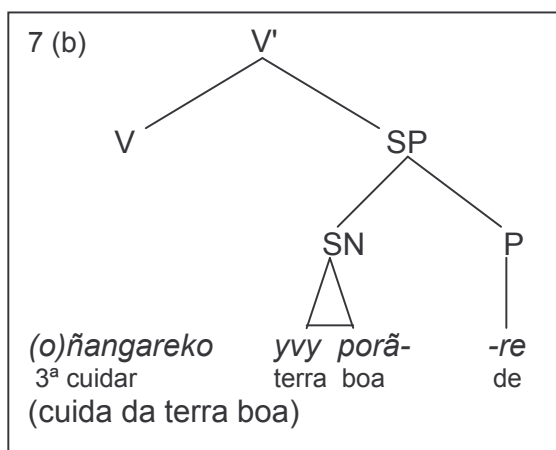
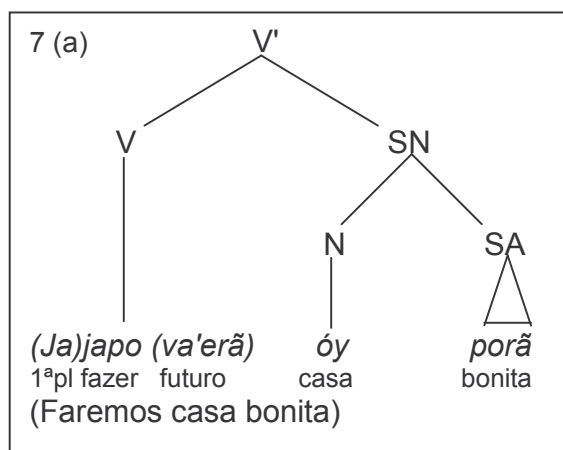
O núcleo lexical V projeta em nível V'. O complemento subcategorizado por V', segundo a Teoria do Caso, recebe o Caso acusativo do núcleo V. Assumimos, previamente, que o nível de projeção SV é licenciado por SFI, que, segundo Pollock (1989:365), é uma categoria funcional que não só inclui dois traços diferentes como Tempo ($\pm T$) e Concordância ($\pm Agr$), como também estes formam núcleos que, respectivamente, projetam em nível ST e SAgr.

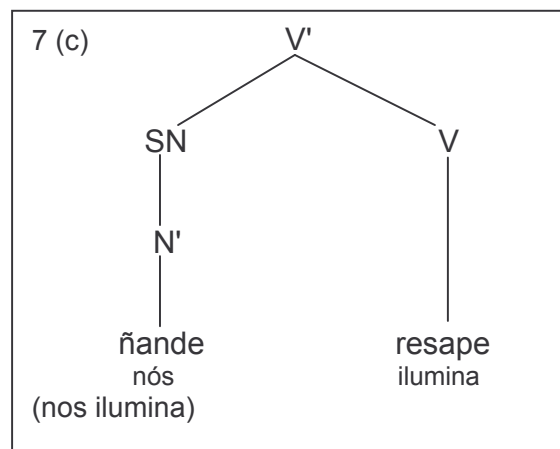
As categorias funcionais projetam em nível XP. No caso da categoria SFI, (SAgr e ST) tem-se o licenciamento de um SN (ou SDet) na posição Spec, cuja marcação de Caso Nominativo realiza-se pelo núcleo funcional FI, em estrutura ES. No entanto, em estrutura EP, o SN-sujeito é dominado pela projeção máxima do verbo, vindo a ocupar a posição Spec de SV, como bem mostra o esquema (6), que representa uma sentença da língua portuguesa em ordem canônica:



Neste tópico do capítulo, nos detemos, primeiramente, na constituição e ordenação da categoria V', na qual se dá a relação entre verbo e complemento e, posteriormente, tratamos da categoria funcional SFI e a projeção de seus dois núcleos que dominam o constituinte SV.

Os elementos não nucleares que podem compor, em K/G, a posição Compl de V' e suas possíveis ordenação em relação ao núcleo V são retratados em (7): (a). (A.10:1 p.10), (b). (A.24:13, p.39) e (c). (A.16:2 p.25).





Na estrutura arbórea (7-a), o núcleo lexical V, preenchido por -japo (fazer), apresenta, entre parênteses, os núcleos funcionais de S_{Agr} (*ja-*) e de ST²⁴ (*va'erã*), que, em EP, não são licenciados pelo núcleo lexical V. À direita do núcleo V, tem-se o SN-objeto, *óy porã* (casa bonita), no qual o núcleo nominal *óy* é seguido pelo núcleo do sintagma adjetival (SA) *porã*. Em (7-b), podemos observar a mesma disposição entre os elementos que constituem o nível V' do esquema (7-a), pois ambos obedecem ao parâmetro [*v' V Compl**], porém, em (7-b), a posição Compl de V é preenchida pelo SP-objeto indireto, *yvy porãre* (da terra boa), do núcleo verbal *-ñangareko* (cuidar)

Uma diferente disposição parece haver entre o núcleo V e seu Compl, quando este é preenchido por um SN-pronominal, como representamos no esquema (7-c), no qual o verbo *resape*²⁵ é precedido pelo SN-pronominal, *ñande* (nós).

Temos em (7-a) e (7-b) a ordem [*v' V Compl*], ou, a seqüência V-O; e em (7-c) temos a ordem [*v' Compl V*], ou, a seqüência O-V. Contudo, parece-nos de fundamental importância a esta variação da ordem entre os constituintes internos à V', o exame do tipo de núcleo que preenche os SNs-objetos da língua

²⁴ Os núcleos funcionais da língua Kaiowá/Guarani, quando representados nos esquemas arbóreos de sentenças em EP, serão descritos, doravante, entre parênteses e em itálico.

²⁵ Segundo Guasch (1991), as consoantes h, t e r, quando iniciam palavras, podem oscilar entre si. No caso de palavras como *resape*, o r comporta-se como verdadeiro verbo.

Kaiowá/Guarani, uma vez que estes, sendo preenchidos por núcleos "nominais", tendem a obedecer à ordem V-O e os preenchidos por núcleos pronominais, à ordem O-V.

O mesmo é averiguado por Greenberg (1966:91), em relação ao Guarani, entre outras línguas: *In Italian, Greek, Guarani and Swahili, the rule holds that the pronominal object always precedes the verbs, where as the nominal object follows.*

Não poderíamos deixar de mencionar as outras posições que os SNs e os SPs podem realizar em nível V', já que os dados por nós analisados tendem a ser uma representação da modalidade oral, na qual as variações da ordem dos elementos sintagmáticos são bastante previstas.

Vejamos os SNs-objetos diretos seguindo pelo verbo em 8 (a) e os SNs objeto indireto seguidos pelo verbo em 8 (b).

(8)

(a) SN-objeto direto nominal antes do verbo

Pira jará mbaíry ndoikuaái

(A. 14:8 p. 23)

Pira . jára . mbaíry . nd-o-i-kuaái-i

Peixe . dono . homem branco . neg-3^aS-3^aO-saber-neg

(Dono do peixe, o homem branco não sabe ser)

Ñande yma kokue jajapo va'ekue

(A.18:01 p.31)

Ñande . yma . kokue . ja-japo . va'ekue

Nós . antigamente . roça . 1^apl-fazer . pass

(Antes, nós fazíamos roça)

(8)

(b) SN-objeto indireto nominal antes do verbo.

Chupegua pohã ndaipóri.

(A. 16:3. p.25)

Chu-pe-gua . pohã . nda-i-póri.

Eles-para . remédio . neg-3ª-ter-neg

(não tem remédio para eles)

Mariape che ame'ê mba'ipy

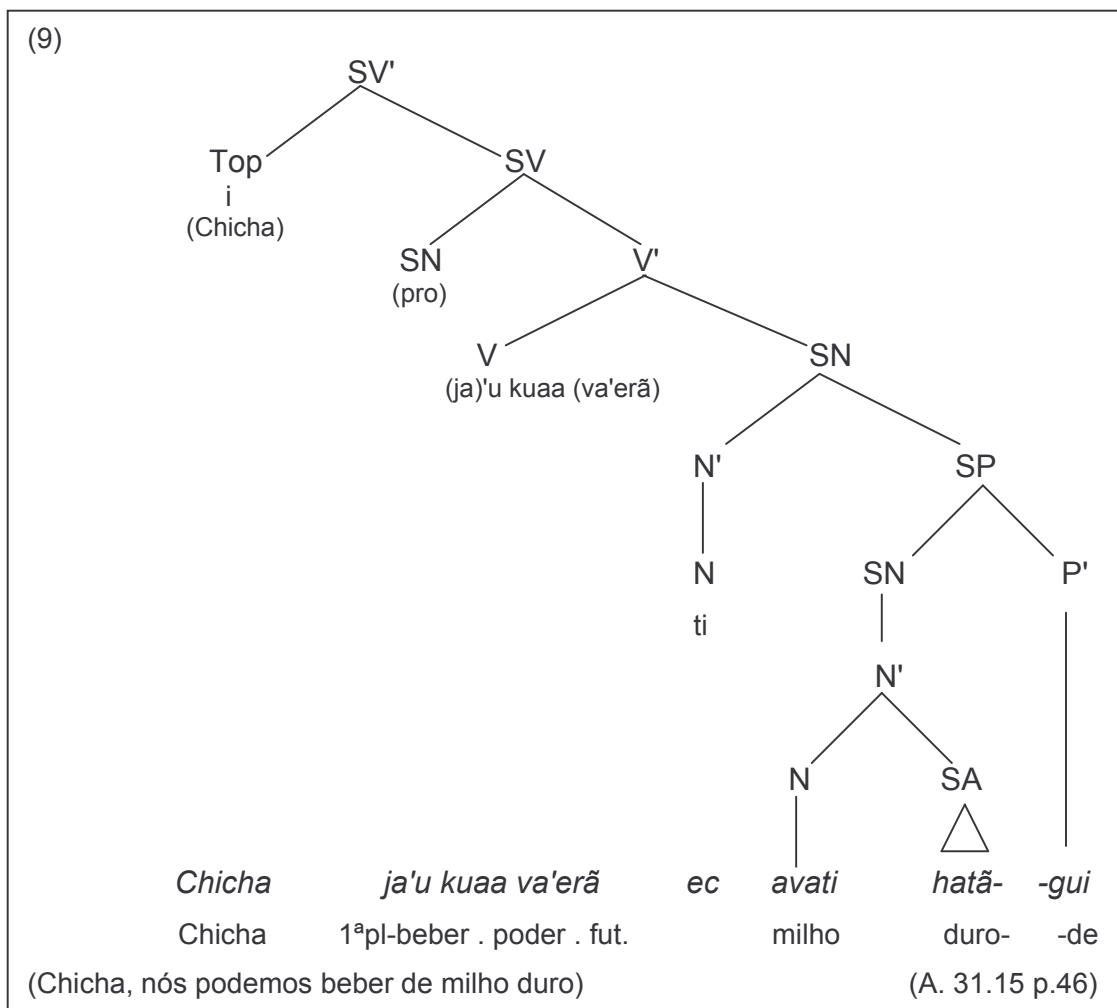
(inf: D)

Maria-pe . che . a-me'ê . mba'ipy

Maria-para . eu . 1ª s-dar . cural

(Para Maria, eu dou cural)

Quanto aos SNs-objetos pronominais, não encontramos nos dados da língua K/G nenhum caso em que sua posição fosse invertida em V-O. Entretanto, também mediante estes dados, pudemos observar uma outra posição ocupada pelo núcleo nominal do SN-objeto em relação à projeção do SV. Vejamos o esquema arbóreo (9), representado em ES, em que não consideramos as categorias funcionais SAgr e ST, já que não as apreciamos, ainda, junto à língua K/G:



Em (9), o núcleo do SN-objeto, *Chicha*, é topicalizado²⁶, ou, nos moldes da Teoria Gerativa, é movido de sua posição, na qual permanece seu complemento SP, *avati hatãgui*, para fora da posição -A (argumental), ou, ainda, fora de sua categoria de regência, na qual lhe era conferido o Caso acusativo pelo núcleo de SV, *ja'u kuaa va'erã*.

No esquema arbóreo (9), o núcleo verbal, *ja'u kuaa va'erã*, abriga além do morfema verbal principal, *-u* (beber ou comer), o morfema verbal auxiliar, *kuaa* (poder ou saber), sem desconsiderar, obviamente, os núcleos funcionais; um,

²⁶ Neste trabalho, entende-se por tópico "o constituinte que vem no início da sentença, que esteja na posição A, conseqüentemente, numa estrutura em que não haja coincidência entre tópico/comentário e sujeito/predicado.", Oliveira (1996:152).

indicador de número e pessoa, *ja-* (1ª pl), e outro, indicador de tempo, *va'erã* (futuro). Ao nos determos à disposição do verbo principal em relação ao verbo auxiliar, pudemos observar que, na língua Kaiowá/Guarani, configura-se a posição verbo-auxiliar²⁷ e que, diferente da língua portuguesa, ela traz a marca número-pessoa junto ao verbo principal, *ja'u kuaa* (1ª pl beber poder), podendo ser traduzido, rudemente, por "bebemos poder", ao invés de, podermos beber, em que o verbo principal é empregado no infinitivo.

Acreditamos ser significativa mencionar outra característica verbal da língua Kaiowá/Guarani, que é o envolvimento, em uma mesma sentença, de dois verbos licenciados por Agr e T, ou seja, o primeiro verbo (V₁) funciona sintaticamente como o segundo (V₂). Observe os exemplos ²⁸: (a) *oho omba'apo* e (b) *ombyai ojapo kapi'ity hekororã kuéra*. Tanto em (a), como em (b), os dois verbos apresentam a marca de 3ª pessoa, estando ambos no tempo presente.

Segundo Dooley (1991a:32), em muitas línguas da família Tupi-Guarani, , ocorre este tipo particular de construção envolvendo dois verbos e que *In Mbyá, the V1-V2 construction is quite common in natural speech. In a corpus of different types of narrative texts which total approximately 1700 sentences, it was found in slightly over 10% of all sentences.*

Ainda com relação ao exemplo (9), verifica-se que, os elementos posposicionais, em Kaiowá/Guarani, verdadeiramente, constituem categorias sintagmáticas capazes de selecionar seus complementos, haja vista que, mesmo o núcleo nominal da sentença (9) ter movido-se para fora de sua posição argumental, o núcleo de SP continuou, adequadamente, em sua posição.

²⁷ Veja outros exemplos em que se dá a relação entre verbo o principal e o auxiliar:
Rojapo kuaa avei koichagua tembiapo. (1ªpl-fazer saber também este trabalho), (A. 3:13 p.9);
Mba'épa he'ise kuarahy (O que-inter 3ªdizer-quer sol), (A. 4:1 p.11);
Rohechukase (1ªpl-mostrar-querer), (A. 3:16 p.9) etc.

²⁸ Seguem as glossas lingüísticas e a interpretação para o português dos exemplos acima:
(a) *o-ho . o-mba'apo* (B. 33 p.04)
3ª-ir . 3ª-trabalhar
(vão trabalhar)
(b) *o-mbyai . o-japo . kapi'i-ty . hekororã . kuéra* (A. 12:15 p.21)
3ª-estragar . 3ª-fazer . capim-plantação . lugar . pl
(estragam fazendo plantação de capim em nossos lugares)

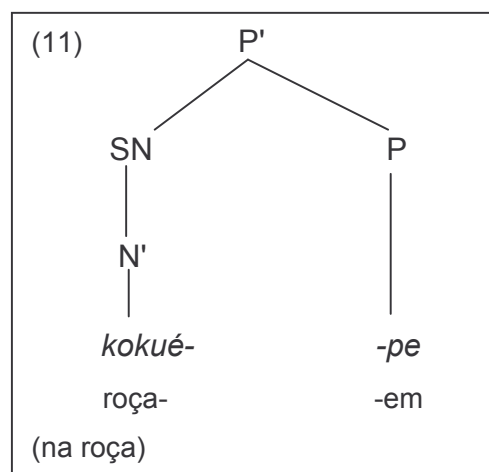
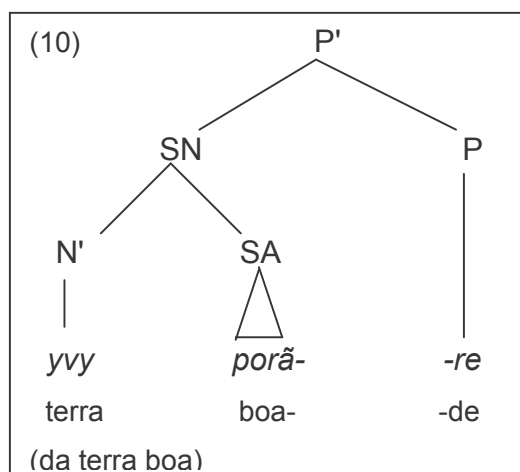
Segundo a Teoria da Ligação, podemos classificar a categoria vazia (*ec*) do esquema (9) como uma variável, por possuir os traços [-anafórico, -pronominal], que obedece ao Princípio C, que adverte estar uma expressão-R sempre livre em sua categoria de regência.

Por fim, se considerarmos apenas os SNs e SPs objetos, compostos por núcleos nominais e não por pronominais, talvez possamos localizar a posição Compl de V, por meio do valor paramétrico [*v'* V Compl*].

2.3 Os constituintes internos de SP

As preposições *de*, *em*, *com*, *para* etc, assim como as conjunções *que*, *quando*, *porque* etc, da língua portuguesa correspondem a posposições na língua Kaiowá/Guarani.

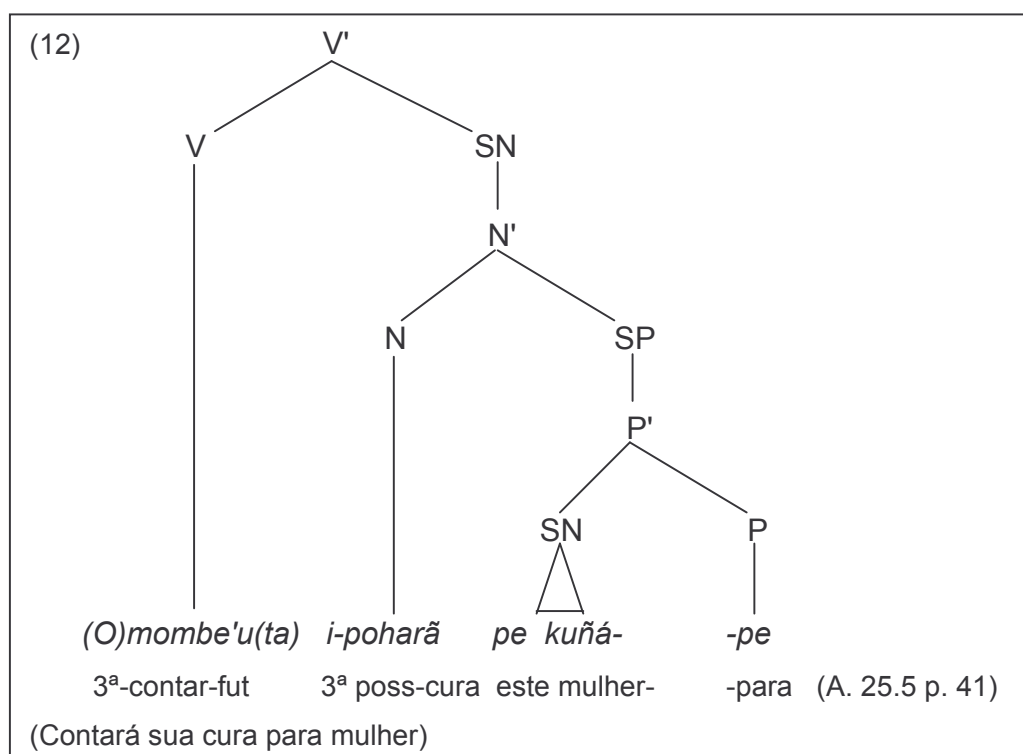
As posposições²⁹ K/G são categorias lexicais que possuem os traços (-N, -V) e também são capazes de selecionar seus argumentos. Vejamos a estrutura interna de P', analisando os exemplos (10) e (11):



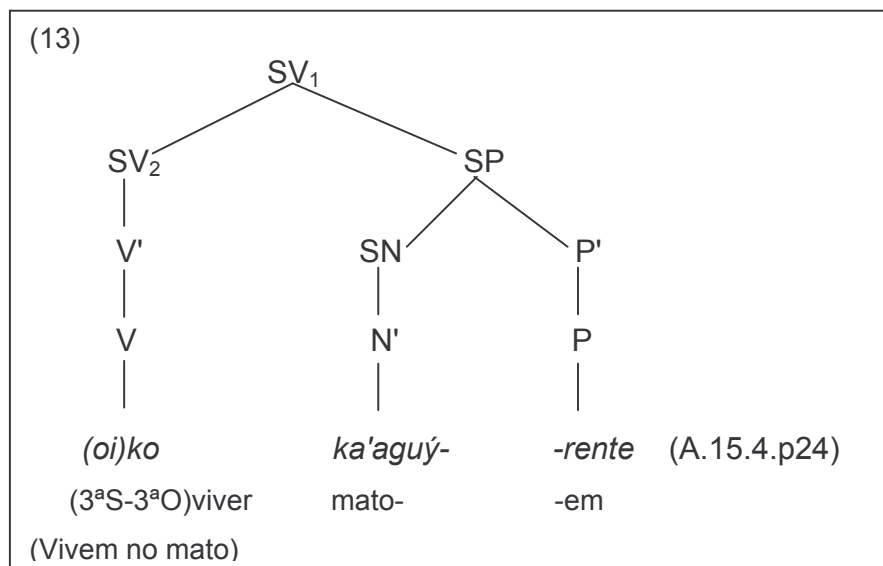
²⁹ Supomos que as posposições do Kaiowá/Guarani são sufixadas às palavras que as precedem quando são constituídas de apenas uma sílaba, e quando, possuem mais de uma sílaba são apenas pospostas.

Por meio dos dados do Kaiowá/Guarani podemos verificar que P' licencia sempre à esquerda do núcleo, um SN como seu complemento, como acontece no exemplo (11), *kokué-pe*. Em (10), o SN, *yvy*, ao subcategorizar o SA, *porã*, o núcleo de P', *re*, manifesta-se após do núcleo A, que segue o núcleo N; por fim, nesta sentença, o núcleo da projeção SP, a posposição *re*, seleciona um SN que seleciona SA, e assim, o núcleo P domina ambos os núcleos, N e A.

Sendo o sintagma posposicional um constituinte interno da projeção V', verifica-se que a atribuição à direita do Caso acusativo é realizada pelo núcleo V ao seu complemento SN. É importante frisar que posposições em K/G atribuem Caso de modo inerente, como, por exemplo, na sentença do esquema (12), na qual a posposição *pe* atribui Caso oblíquo, à esquerda, ao SN Compl de P', *pe kuñá*, a que se encontra afixado.



Em (13), temos uma projeção máxima de SV, em EP, na qual o SP está fora do domínio de V', no entanto está incluído na projeção máxima do SV e desta posição assume o estatuto de adjunto e não de argumento verbal.



Podemos notar que a projeção SP, sendo adjunto de um SV, ou, ainda da sentença, é, geralmente, preenchida por um sintagma adverbial³⁰. No caso do exemplo de número (13)³¹, temos um sintagma posposicional preenchido por locativo, *ka'aguýrente*.

Os exemplos (14) (a) e (b) da língua K/G enfatizam as possibilidades que a projeção do SP tem de licenciar categorias lingüísticas, que constituem a posição Compl dos sintagmas posposicionais, e também a função exercida por estas categorias.

(14)

(a). *Ahatama che rógape*

(B.46.p. 05)

A-há-ta-ma . che . rógape.

1ª-ir-fut-já . minha . casa-para.

(Já vou para minha casa.)

³⁰ Apesar de os advérbios terem a capacidade de projetar até o nível SAdv, eles são adjuntos, ou seja, estão contidos na projeção máxima de um núcleo, mas não são dominados por todos os segmentos do XP que o dominam. Assim, quando nos referirmos ao SP adjunto estaremos nos referindo a SAdv.

³¹ A configuração do esquema arbóreo (13) segue o modelo representado por Miotto et al. (1999:69).

(b) *ñañoty hagua opa mba'e ñandéve*

(A. 8:2 p.15)

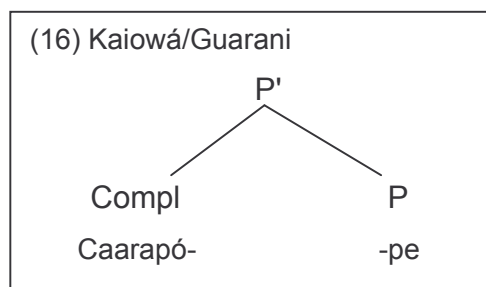
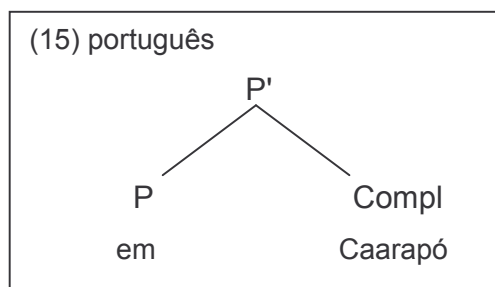
ña-ñoty . hagua . opa . mba'e . ñandé-ve

1ªpl-plantar . para . todas . coisas . nós-para

(para plantarmos todas as coisas para nós)

O verbo *ahatama*, de (14-a), subcategoriza à sua direita a projeção em nível de SP, na qual o núcleo, o afixo locativo *-pe*, encontra-se posposta ao SN possessivo *che roga-*. Já em (14-b), a posposição *ve* atribui Caso oblíquo ao SN complemento de modo inerente e à esquerda de P', já que, o núcleo de SP, o afixo *vê*, é sufixado ao núcleo do SN, o pronome de 1ª pessoa do plural *ñande*, e, juntos desempenham a função de objeto indireto do SV, *ñañoty*.

A configuração X-Barra para a projeção em nível de P' da língua portuguesa pode ser apreciada em (15) e da língua Kaiowá/Guarani em (16):



Em português, língua preposicional, o núcleo P posiciona-se à esquerda de seu Compl; na língua K/G, uma língua posposicional, obviamente, o Compl é que se localiza à esquerda do núcleo P e este posicionamento implica uma diferente disposição do valor paramétrico da projeção em nível de P' da língua K/G, que segue o valor [P' Compl* P], característica de uma língua SOV, e a língua portuguesa, cujo valor paramétrico é [P' P Compl*], língua, caracteristicamente, SVO.

2.4 Os constituintes internos de SA

O adjetivo é um núcleo lexical, bem como o nome; o verbo e a posposição (ou preposição) que se constitui em categoria sintagmática, selecionando seus elementos constituintes e sendo licenciado por um outro núcleo, para, então, tornar-se parte constitutiva da estrutura frasal de uma língua. Entretanto, o adjetivo diferencia-se dos outros núcleos lexicais por conter os traços (+V, +N).

Como já mencionamos no subtópico 2.1 deste capítulo, o adjetivo em Kaiowá/Guarani é subcategorizado à direita do núcleo nominal, a quem atribui referência qualitativa. Assim, o SA é imediatamente dominado por N', vindo ocupar a posição de Compl de N', como em (17):

(17)

(a) ... *ore te'ýi arandu* (A. 3:12. p.9)

ore . te'ýi . **arandu**

nosso . índio . inteligente

(... nosso índio inteligente)

(b) *Aty guasu ha'e peteî ñomongeta guasu* (A. 35:1 p.51)

Aty **Guasu** . ha'e . peteî . ñomongeta . **guasu**

Reunião . grande . 3ªser . uma . conversa . grande

(Reunião grande, é uma conversa grande)

(c) *heta mba'asy vai ndaiporivéima* (B. 35. p. 04)

heta . mba'asy . **vai** . nda-i-pori-vé-i-ma

muitas . doenças . prejudiciais . neg-1ªs-haver-mais-neg-pass

(muitas doenças prejudiciais (que) não tinha mais)

(d) ... *y-potî pira reheve* (B. 5. p. 02)

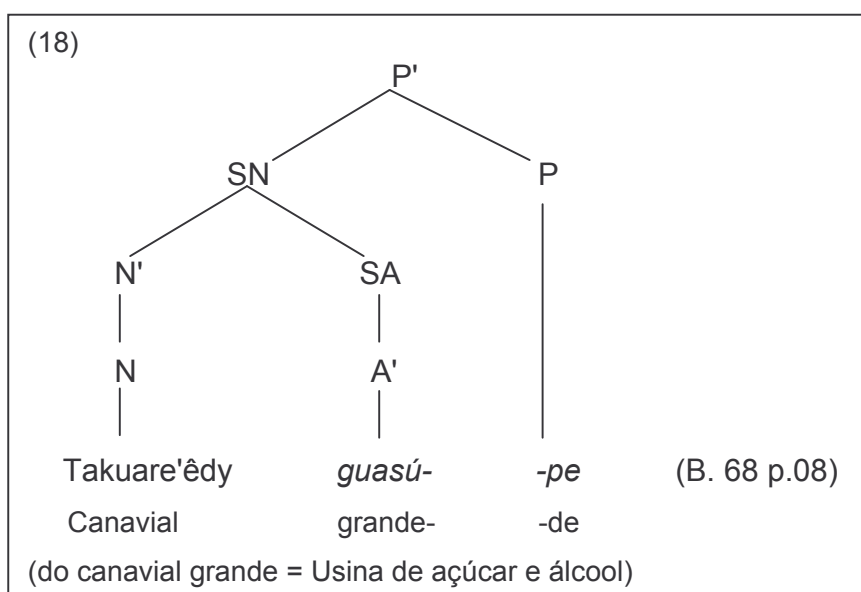
y-potî . pira . rehe-ve

água-limpa . peixe . dele-com

(... água limpa com peixe dela)

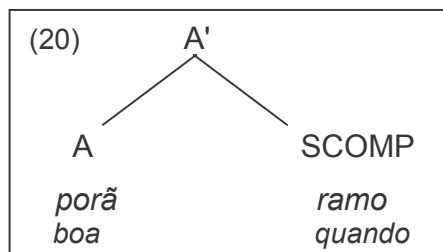
Verifica-se, por meio dos exemplos acima, que a língua Kaiowá/Guarani assume a posição do núcleo adjetival à direita do núcleo nominal, formando ambos uma palavra composta, como em 17 (d), em que o nome *y* (água) encontra-se preso ao adjetivo *poty* (limpa), ou duas palavras separadas, como nos exemplos 17 (a, b e c), nos quais, os nomes: *te'yí* (índio), *aty* (reunião) e *mba'asy* (doença) são separados e seguidos pelos adjetivos: *arandu* (inteligente), *guasú* (grande) e *vai* (prejudiciais).

O sintagma adjetival também pode apresentar, de modo inerente, um núcleo P posposto a seu núcleo A, porém esta posposição não é subcategorizada por A', mas subcategoriza o SN que, por sua vez, licencia o sintagma adjetival. Para uma melhor visualização deste processo de subcategorização, vejamos o esquema (18)



Com menor freqüência entre os dados da língua K/G, a projeção intermediária A' subcategoriza, à direita do núcleo A, um complemento.

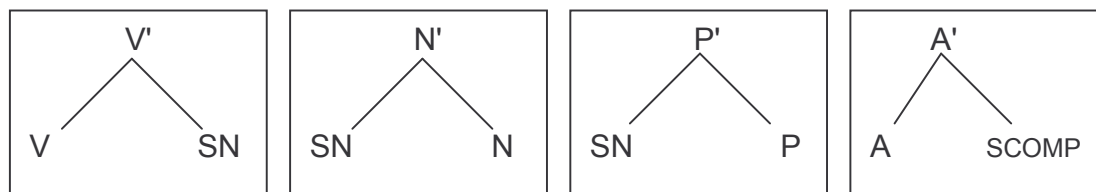
Consideremos o esquema (20), que reproduz tal hierarquização, vindo a representar parte da sentença: *Pe y ipotî porã ramo*³²:



Como bem podemos notar no caso acima citado, o núcleo de A' apresenta a configuração [A' A Compl*], coincidindo com o valor paramétrico de ordenação linear dos núcleos de N' e de V', diferindo-se, apenas, do valor atribuído pelos falantes K/G no nível de P', cujo núcleo P subcategoriza à esquerda seu Compl.

Por fim, observe como supomos a organização configuracional dos núcleos lexicais da língua K/G, quando os núcleos V, N e P possuem um SN como complemento e o núcleo A, um SCOMP, segue em (21):

(21)



³² *Pe y . i-potî . porã . ramo.* (A 5:4 p.12)

Pe . y . i-potî . porã . ramo
esta . água . 3^a-limpa . boa . quando
 (Esta água limpa quando (é) boa)

3. Descrição das categorias funcionais

3.1 A constituição interna do SDet

O segundo aspecto que desenvolvemos neste capítulo refere-se à categoria funcional SDet, que está intimamente ligada aos SNs. Seguindo as sugestões de Fukui e Speas (ibidem), é o núcleo Det, e não o núcleo N, que projeta de acordo com os princípios da Teoria X-barras, ficando reservada à projeção de N (ou seja, SN) a posição de complemento de Det. A partir do exposto, procuramos descrever quais os elementos lingüísticos que podem, efetivamente, ocupar a posição núcleo de SDet em Kaiowá/Guarani

Segundo Suárez (1967:144), o Guarani coloquial:

*Articles are of nominal constructions: **la**, **ku** (mostly used with a nominalized clause), **ako** (rare). **lo** is sometimes used, especially with nouns with plural meaning; like **la** it is a borrowing from Spanish, but its use is so sporadic that it does not seem to be yet fully incorporated into the language. **la** may also stand in construction with a conjunctive constitute, the most frequent case being a clause directed by the conjunction **ha**.*

acrescentando, ainda, que *The use of **ku** and **lo** is rare; **ku** is more common in popular poetry than in spoken Guarani.* (p.147). A partir do exposto, queremos registrar que a língua Kaiowá/Guarani também apresenta este quadro de empréstimos lingüísticos, não só com a utilização de artigos determinantes do espanhol e do português, como também, de boa parte do léxico destas línguas, com as quais os falantes Kaiowá/Guarani convivem tão proximamente. Entretanto, neste trabalho, não tratamos especificamente destes aspectos lingüísticos, para um aprofundamento do assunto, veja a dissertação de José Filho (2000), "A língua Kaiowá/Guarani: interferências, empréstimos lingüísticos e xenismo".

Os demonstrativos são elementos lingüísticos que ocupam a posição núcleo de Sdet. O exame do cópuz da língua Kaiowá/Guarani, proporcionou a elaboração do quadro (3), que representa os demonstrativos mais utilizados pelos

falantes Kaiowá/Guarani, haja vista, que outras palavras demonstrativas que não estão representadas neste quadro, seguramente, podem compor um sintagma determinante nesta língua.

Quadro 3: Os demonstrativos:

Determinantes Demonstrativos	
Singular	Plural
<i>ko, ko'a, kóva</i> (este, esta, isto)	<i>ko'avã, ko'ã</i> (estes, estas)
<i>pe, peá, upe, upe'a</i> (esse, essa, isso)	<i>umi, umiva</i> (esses, essas)
<i>amo</i> (aquele, aquela, aquilo)	<i>amova</i> (aqueles, aquelas)

Os demonstrativos, em K/G, antepõem-se ao núcleo de SN, desempenhando função gramatical ao fornecer informações acerca do número (singular/plural) para os núcleos nominais que subcategorizam. Assista aos exemplos de número (22) e confira a relação entre núcleo D e núcleo N.

(22)

(a) *Ndaipori mba'e vai pe ysyrype*

(A. 6:2 p.13)

Nda i-por-i . mba'e . vai . pe . ysyry-pe

Neg-3^a-ter-neg . coisa . ruim . esse . rio-em

(Não tem coisa ruim neste rio)

(b) *oîva ko yvýre*

(A. 34:7 p.49)

o-îva . ko . yvý-re

3^afica esta terra-em

(fica nesta terra)

(c) **Amo ñande rekohape o-î "tesãi ñangarekoha"** (B. 64 p.07)

Amo . ñande . rekohape . o-î . "tesãi . ñangarekoha"

Aquele . nossa . aldeia . 3^ater . saúde . cuidador

(Aquele nossa aldeia tem cuidador da saúde (agente de saúde))

De acordo com os exemplos (22), os núcleos determinantes *pe*, *ko*, *amo* subcategorizam, respectivamente, os núcleos nominais plenos *ysyrý(pe)*; *yvý(re)*, (ambos, antes, subcategorizados por um SP), *ñande rekohape*. Em (23), nota-se que os núcleos nominais são nulos foneticamente, havendo, apenas, a manifestação dos demonstrativos.

(23)

(a) **Umíva ja'útarõ** (A.27:3 p.42)

Umíva . ja-'ú-ta-rõ

Esses . 1^apl-beber-fut-se

(Se bebermos esses(remédios))

(b). **Peá ha'e te'ýi oho'úva** (A. 23:5-6 p.37)

Peá . ha'e . te'ýi . o-ho'-ú-va

Esta . 3^a . índio . 3^a-ir-comer-que

(Essa (fruta) (é) o índio que vai comer)

(c) **Upéa katu oike ñande rekoháre heta iterei** (A. 21:9 p.35)

Upéa . katu . o-ike . ñande . rekohá-re . heta . iterei

Essa . sempre . 3^a-entrar . nossa . morada-em . muito . vezes

(Essa (vaca) sempre entra em nossa morada)

Os quantificadores também podem ser classificados como determinante (D) de SN em K/G. Veja os exemplos (24):

(24)

(a) *Ha 'e ndaje raka'e heta mba'e*

(B. 4:7 p.11)

Ha 'e . nd-aje . raka'e . heta . mba'e

Ele . 2^as-dizer . pass . muitas coisas

(Ele ti dizia muitas coisas)

(b) *Roikuave'ê pavê te'yi kuérape*

(A. 1:2 p.5)

Ro-i-kuave'ê . pavê . te'yi . kuéra-pe

1^apl S-3^aO-oferecer . todos . índio . pl-para

(Nós o oferecemos para todos os índios)

Semelhantes ao caso dos demonstrativos e dos quantificadores, os elementos possessivos também antecedem o nome, porém não atribui ao nome, apenas, referencialidade de número (singular/plural), mas também de pessoa (1^a, 2^a e 3^a), conforme se vê no quadro (4) dos pronomes possessivos, e também, nos exemplos (25).

Quadro 4: Os pronomes possessivos em Kaiowá/Guarani

Nº/pessoa	Pronomes Possessivos
Singular	
1 ^a	che
2 ^a	nde (ne)
3 ^a	ĩ ³³
Plural	
1 ^a (i)	ñande
1 ^a (e)	ore
2 ^a	pende
3 ^a	i

³³ Segundo Guasch (1986:101-2) *Esta forma varía según la primeira letra de la palabra con quien se junta (...), em hi, ij, iñ, h ou i; seguindo as regras: a) i se usa antes de consonante. b) hi se usa antes de vogal oral acentuada (...). c) ij se usa antes de vogal átona oral o gutural. d) iñ se usa antes de vogal nasal o consonante seminasal (...). e) h propia del oscilante "habido".*

(25)

(a) *Ko'ága ñande ka'aguy opa*

(A. 12:2 p.20)

Ko'ága . ñande . ka'aguy . o-pa

agora . 1^apl-poss . mata . 3^a-acabar

(Agora, nossa mata acabou)

(b) *Ymaguare heta ka'aguy oî ñande tekohápe*

(A. 11:1 p.19)

Ymaguare . heta . ka'aguy . o-î . ñande . tekohá-pe

Antigamente . muita . mata . 3^a-ter . 1^apl-poss . lugar-em

(Antigamente, muita mata tinha em nosso lugar (aldeia))

(c) *yvyra ojapo hogarã*

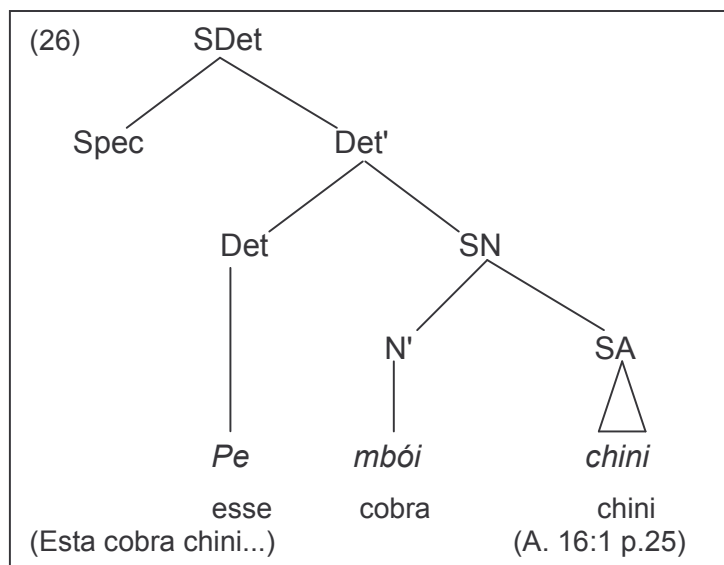
(A. 17:9 p. 19)

yvyra . o-japo . h-oga-rã.

árvore . 3^a-fazer . 3^a-poss-casa-para

(árvore para fazer sua casa)

Em (25), podemos verificar a adjacência dos núcleos determinantes, (a) *ñande*, (b) *ñande* e (c) o prefixo *h*, em relação ao núcleo da projeção SN, que assume o estatuto de argumento atribuído pelos SDets da língua em questão. Tal adjacência pôde ser notada em todos os outros exemplos referentes ao núcleo Det da língua K/G. Assim, podemos caracterizar o parâmetro de ordem do núcleo Det em relação aos seus complementos como [Det' Det Compl*], conforme o esquema arbóreo (26):



Quanto à posição de especificador de SDet, mostramos que, em Kaiowá/Guarani, assim como no português, não há nenhum elemento que possa ocupar a posição Spec de SDet, tendo apenas elementos nucleares que não licenciam especificadores. Raposo (1992:212) salienta que o inglês possui o elemento Possessivo 's, que funciona como <sujeito> do SDet. Aguiar (1994:211) menciona que também o Katukina, língua da família Pano, apresenta um elemento em posição de Spec de SDet, "No Katukina temos o Genitivo marcado com a nasalidade adjungida ao N. Essa marca se assemelha ao - 's - do inglês, já em que ela é marca de caso (...)".

3.2 Descrição da categoria funcional SFL

Neste subtópico, de modo sumário, procuramos retratar a categoria funcional SFI, ou, mais especificamente, a projeção de cada um de seus dois núcleos, Agr e T³⁴, em K/G. É válido enfatizar que a projeção do núcleo verbal em nível de SV é licenciada por estes núcleos funcionais, que, segundo Pollock (1998:365), também se manifestam em nível SAgr e ST.

Como representamos em (6), o SN-sujeito da língua portuguesa é dominado pela projeção máxima do verbo, vindo a ocupar a posição Spec de SV. Após este SN receber papel temático, sobe para a posição de Spec de SFI, para o recebimento de Caso nominativo de FI, tornando-se então sujeito da sentença, em ES.

Considerando que Agr, assim como T, tem o estatuto de núcleo funcional autônomo, e, por isso, projeta em nível XP, trataremos, primeiramente, desta categoria, para, posteriormente, tomarmos como objeto de estudo o constituinte ST.

3.2.1 A categoria funcional SAgr

Com o intuito de evidenciar a característica número-pessoa que constitui o núcleo da categoria SAgr em K/G. Observemos o quadro de número 5 que representa o paradigma flexional de verbos desta língua:

³⁴ Segundo Raposo (1992:224), além de os núcleos dispare, Agr e T, serem componentes da projeção SFI, alguns autores gerativistas incluem neste constituinte outros elementos funcionais da oração como Aspecto e Modo. Estudos sobre a língua Guarani, realizados por Suárez, Dooley, entre outros, atentam para a existência destes elementos oracionais nesta língua. Todavia a constatação e análise destes elementos junto à língua Kaiowá/Guarani não fazem parte de nossos objetivos, já que optamos por tomar os morfemas temporais da língua, sejam eles aspectuais ou não, como núcleos de ST.

Quadro 5: Característica número-pessoa do verbo Kaiowá/Guarani³⁵

	Flexão verbal
SINGULAR	
1ª pessoa	<i>a-</i>
2ª pessoa	<i>re-</i>
3ª pessoa	<i>o-</i>
PLURAL	
1ª pessoa (i)	<i>ja-</i> (c/ nasais ña)
1ª pessoa (e)	<i>ro-</i>
2ª pessoa	<i>pe-</i>
3ª pessoa	<i>o-</i> (<i>hikuai</i>)

A partir dos dados do Kaiowá/Guarani, observamos a existência de verbos que apresentam valor [+Agr], como os representados em (5).

Os exemplos de (27) confirmam o valor [+Agr], pois há concordância número-pessoa entre os SNs-sujeitos e seus verbos.

(27) [+Agr]

(a) **Che ahata pyélope**

(B 42 p.05)

Che . a-ha-ta pyélo-pe

Eu . 1ªs-ir-fut . cidade-em.

(Eu vou para cidade.)

³⁵ Estas características são semelhantes às que Dooley (1991a:45) descreve para a língua Mbyá Guarani, as quais recebem a denominação de "prefixos de concordância ativa": *Subjects of transitive and active intransitive verbs are indicated by the following set of agreement prefixes, here designated ACTIVE: a- '1SG', ere- '2SG', o- '3', ña- '1+2', oro- '1+3' and pê-'2PL'*. De modo semelhante ao K/G e ao Mbyá, ambas línguas oriundas do Guarani, Suárez (1967:131) descreveu o Guarani coloquial, observando que o *subject has the same specific categories as personal reference. Example: 1s a-ma.apó 'I work', 2s re-ma.apó 'thou workest', 3 o-ma.apó 'he (she, it, they) work(s), 1 pi ya-ma.apó 'we (including you) work', 1 ro-ma/ após 'we (excluding you) work', 2p pe-ma.apó 'you work'.*

(b). **Ñande te'yi kuéra hetave jareko rire yvy** (A. 8:6 p. 15)

Ñande . te'yi . kuéra . hetave . ja-reko . rire . yvy

Nós . índio . pl . muito-mais . 1^apl-buscar . se-pass . terra

(Se nós índios buscássemos muito mais terra)

(c) **ko'áva yva ore te'yi kuéra roñotyva kokuépe.** (A. 23:1 p. 37)

Ko'áva . yva . ore . te'yi . kuéra . ro-ñoty-va . kokué-pe.

Hoje . fruta . nós . índio . pl . 1^apl-plantar-que . roça-em

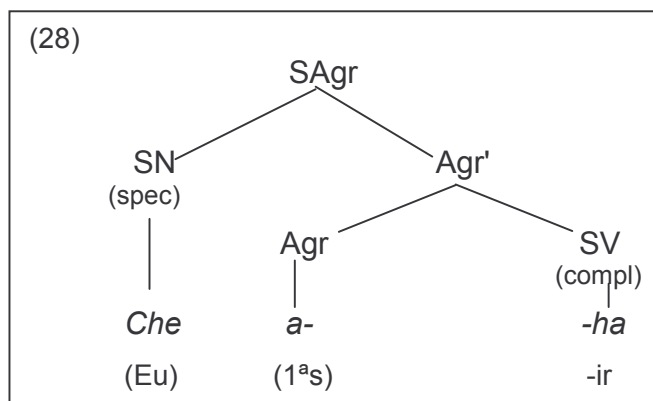
(Hoje em dia, frutas, que nós índios plantamos na roça)

Em (27-a), especificamente, temos o SN-sujeito preenchido por *Che* (pronome sujeito de 1^{as}), que concorda com a flexão verbal *a-*, prefixada ao núcleo lexical *-ha* (*ta*) e indicando também 1^{as}. Assim, a relação entre o SN-sujeito e a característica número pessoa prefixada ao verbo indica estar o sujeito na 1^a do singular. Estendemos às sentenças (27-b) e (27-c) a observação feita a (27-a) por aquelas também conterem o valor [+Agr], indicador da concordância de número e pessoa, que sempre vem disposto no início da morfologia verbal da língua K/G.

A razão pela qual o núcleo de Agr' precede o núcleo de V', na morfologia verbal, pode indicar o posicionamento do SN-sujeito das sentenças K/G, pois, segundo Raposo (1992: 85), "Estruturalmente, Inf³⁶ encontra-se mais próximo do SN-sujeito da frase que dos complementos verbais (incluindo SN objecto directo). Esta proximidade estrutural corresponde à relação sintáctica privilegiada que Inf mantém com o sujeito, a qual no fenômeno da concordância".

Acreditamos que o valor paramétrico de SAgr, em K/G, é [SAgr Spec Agr'] e o da projeção Agr', [Agr' Agr Compl], como bem representa o esquema arbóreo (i). A sentença de número (27-a) foi tomada, parcialmente, como exemplo na configuração (28):

³⁶ Infⁿ é freqüentemente designado pela noção FI, paralelamente, a noção InfP reduz-se ao símbolo SFI.



A posição de Spec de SAgr só é preenchida pelo SN-sujeito (*Che*) na passagem da EP para ES, após a realização do movimento deste SN de sua posição de base, que era Spec de SV.

Tendo examinado as sentenças do K/G, procuramos selecionar, junto aos núcleos verbais, morfemas que possam concordar em número e pessoa com o SN-sujeito da sentença, tendo em vista a seleção dos possíveis constituintes do núcleo SAgr. Observemos os exemplos com suas características de número-pessoa dos verbos:

(29)

(a). ***Che ahata pyélope***

(B.42. p.05)

Che . a-ha-ta pyélo-pe

Eu . 1ªs-ir-fut . cidade-em.

(Eu vou para cidade.)

(b). ***Ndépa heta renohê viru takuare'êdy guasúpe***

(B. 68 p. 08)

Ndé-pa . heta . re-nohê . viru . takuare'êdy . guasú-pe

Tu-inter . muito . 2ªs-retirar . dinheiro . canavial . grande-de

(Tu retiraste muito dinheiro do grande canavial (da usina)?)

- (c). **Ha'e oaryrováirõ** (A. 24:2 p.39)
 Ha'e . o-aryrovái-rõ
 Ele . 3^a-orar-se
 (Se ele ora)
- (d). **Ñande Guarani e Kaiova jajapôtaramo chícha** (A. 30:1 p.46)
 Ñande Guarani . ha . Kaiova . ja-japó-ta-ramo . chícha,
 Nós . Guarani . e . kaiova . 1^apl-fazer-fut-quando . chicha
 (Nós, Guarani e kaiowá, quando fazemos chicha)
- (e) **Ore kuña kuéra roguahu** (A. 32:1 p.48)
 Ore . kuña . kuéra . ro-guahu
 Nós . mulher . pl . 1^apl-cantar
 (Nós mulheres oramos)
- (f) **Peê peikuaáma mba'eicha jaipyhy AIDS?** (B. 75-76. p.09)
 Peê . pe-i-kuaá-ma . mba'eicha . ja-i-pyhy . AIDS?
 Vós . 2^apl S 3^aO-saber-já . como . 1^aplS-3^aO-pegar . AIDS?
 (Vós já sabeis como pegamos AIDS?)
- (g). **Upépe ha'e kuéra ndoipotái** (A. 12:11. p.20)
 Upé-pe . ha'e . kuéra . nd-o-i-potá-i
 Essa-de . ele . pl . neg- 3^aS- 3^aO -querer- neg
 (Dessa, eles não querem)

Os verbos Kaiowá/Guarani, também, podem mostrar-se desprovidos do núcleo de SAgr, obtendo, assim, o valor [-Agr]. Atentemo-nos aos exemplos de número (30), nos quais as sentenças possuem como valor do núcleo funcional [-Agr].

(30) [-Agr]

(a) *ha ndajapu'akavéi hese ñane ñorõ* (A.21. 10-11 p.35)

ha . nda-ja-pu'akavé-i . hese³⁷ . ñane . ñorõ.
e . neg-1^apl-vence-neg . por ele . nos . atacar
(e não vencemos por ele nos atacar)

(b) *Pe mbói chini hasyve ñande su'urõ* (A.16:1-2 p.25)

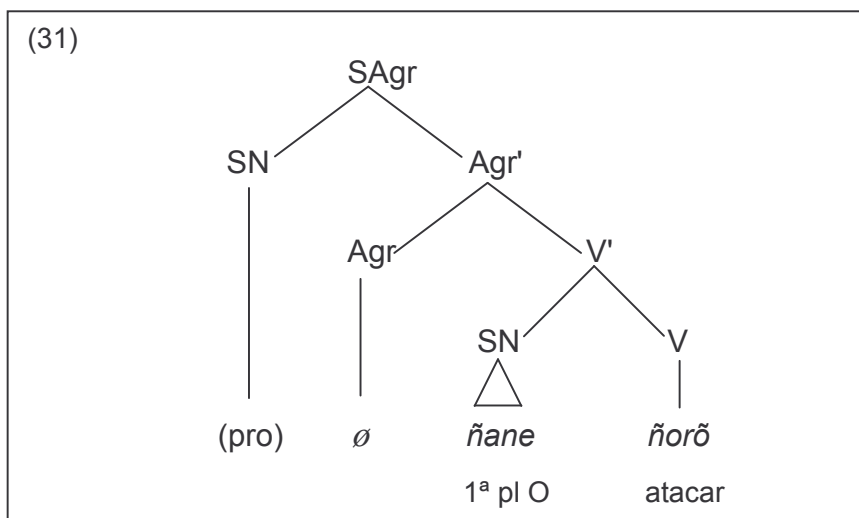
Pe . mbói . chini . hasyve . ñande . su'ú-rõ.
Essa . cobra . chini . deixa-doente . nos . -picar-se
(esta cobra chini deixa doente se nos picar)

(c) *Umi ore pytyvõ va'ekue* (A. 3:21 p.7)

umi . ore . pyty-võ . va'ekue
aquele . nos . ajudar-que . pass
(aquele que nos ajudar)

Acreditamos que os verbos que apresentam, antepostos à sua morfologia, os seus complementos preenchidos por pronomes, têm fixado a ordem SOV e que o valor [-Agr] pode vir a caracterizar, apenas, a não realização fonética dos morfemas do quadro de número 5. Buscamos representar, por meio do esquema arbóreo (31), a configuração do SAgr, cujo núcleo possui valor [-Agr]. Em (31), trata-se da representação das categorias sintagmáticas SAgr e SV, da sentença 30 (a); *ñane ñorõ*.

³⁷ Segundo o dicionário de Guasch & Ortiz (1991;560), *hese* pode ser traduzido por: *por él... (con él... y a veces no se traduce al español)*.



Os pronomes que preenchem os SNs com função de objeto são semelhantes aos que caracterizam os SNs com função de sujeito pronominal em K/G. Comparemos os pronomes de sujeito expostos no quadro (6) e os de objeto no quadro (7):

Quadro 6: Os pronomes Kaiowá/Guarani que podem ser SNs sujeito.³⁸

Nº/pessoa	Pronomes pessoais de SNs-sujeito
Singular	
1ª	<i>che</i>
2ª	<i>nde (ne)</i>
3ª	<i>ha'e</i>
Plural	
1ª(i)	<i>ñande</i>
1ª(e)	<i>ore</i>
2ª	<i>peê</i>
3ª	<i>ha'e kuéra</i>

³⁸ Dooley (1991:46), ao analisar o Mbyá, caracteriza-o como uma língua que possui prefixos de concordância nominativa que funcionam como *objects of transitive verbs and subjects of nonactive intransitive verbs* are signalled by the following *NONACTIVE* agreement prefixes: *tsê-* '1SG', *nê-* '2SG', (?) *i (ñ)* - ~ *N-* ~ *h-* '3', *ñanê-* '-1+2', *orê-* '1+3', and *penê-* '2PL'. This set is also used to indicate possession in noun phrase. Free pronouns derive from these forms via vowel gemination. Como poderemos observar em (3), o K/G apresenta característica semelhante.

Quadro 7: Os pronomes Kaiowá/Guarani que podem ser SNs-objeto

Nº/pessoa	Pronomes pessoais de SNs-objeto
Singular	
1 ^a	<i>che</i>
2 ^a	<i>nde (ne) (ro)</i>
3 ^a	<i>ichupe</i>
Plural	
1 ^a (i)	<i>ñande (ñane)</i>
1 ^a (e)	<i>ore</i>
2 ^a	<i>pende (pene) (po)</i>
3 ^a	<i>ichupe kuéra</i>

Vale mencionar que, em se tratando de um SN-objeto pronominal de 3^a (singular ou plural), as sentenças K/G deixam de apresentar a ordem SOV e passam a configurar a ordem SVO, como em: *rohai hagua ichupe*.³⁹

Se fizermos uma remissão ao quadro (4; p.59), dos pronomes possessivos, e compará-lo ao quadro (5), dos pronomes pessoais com função de sujeito, e ao quadro (6), dos pronomes pessoais com função de objeto, verificaremos a semelhante existente na fonologia destes pronomes.

Detendo-nos ao aspecto sintático destes pronomes, podemos diferenciá-los, por exemplo, se identificarmos qual ordem deve ter a projeção máxima em relação ao núcleo. Quanto aos pronomes possessivos, geralmente, ocupam o núcleo do sintagma funcional SDet que apresenta a ordem [Det' Det Compl]; já os pronomes pessoais com função de sujeito preenchem a posição núcleo de SN, em EP, seguindo a ordem [SN Spec N'] e, por fim, os pronomes pessoais com função de objeto de 1^a e 2^a pessoa, singular ou do plural, ocupam o núcleo de SN, cuja

³⁹ *rohai hagua ichupe* (A. 3:2 p.09)
 ro-hai . hagua . ichupe
 1^apl-escrever . para . 3^{as}
 (para escrevermos ele (o livro))

ordem é [N' Compl N], ou ainda, quando o pronome objeto é de 3ª pessoa, singular ou plural e a ordem é inversa, [N' N Compl].

Faz-se necessário, referirmos a um aspecto lingüístico que envolve o pronome de 3ª pessoa do quadro (4; p 59). O pronome *i* (ou suas variantes) ao justapor-se a núcleos nominais ou adjetivais, em sentenças K/G, estas podendo ser traduzidas como sentenças copulativas, no entanto, não há uma forma verbal específica para as sentenças copulativas nesta língua, e sim, apenas, um prefixo copulativo indicador de 3ª pessoa. Seguem os exemplos:

(32)

(a) *Pe y . i-potí . porã . ramo.* (A 5:4 p.12)

Pe . y . i-potí . porã . por
 essa . água . 3ª-limpa . boa . por
 (Esta água (é) limpa por (ser) boa)

(b). *Tata iporã* (A. 7:1 p.14)

Tata . i-porã
 Fogo . 3ª-bom
 (O fogo (é) bom)

(c) *Pe y heva'ekue* (A. 6:5 p.13)

Pe . y . he-va'e-kue
 Esse . água . 3ª-sabor-pass
 (Esta água (era) saborosa)

(d) *Pe y iky'a* (A. 6:10 p.13)

Pe . y . i-ky'a
 Essa . água . 3ª-suja,
 (esta água (é) suja)

As sentenças do tipo copulativa em K/G, também, podem ser representadas pelo pronome pessoal com função de sujeito, quadro (5), *Ha'e*, de 3ª pessoa do singular ou *Ha'e kuéra*, pronome de 3ª pessoa do plural. Confira os exemplos de número (33).

(33)

(a). *Hyary ha'e peteî yvyra* (A. 29:1 p. 44)

Hyary . ha'e . peteî . yvyra

Hyary . 3ª . uma . árvore

Hyary é uma árvore

(b). *Péa ha'e te'ýi* (A.23:5 p. 37)

Péa . ha'e . te'ýi

Esta . 3ª . índio

(Esta é do índio)

(c) *Ndahá'éí ko'ágaguáicha.* (A. 33:11 p. 38)

Nda-ha'é-í . ko'ága-guáicha

Neg-3ª-neg . agora-como

(Não é como agora)

(d). *Pe yvyraryakuã ha'e peteí yvyra imarangatúva* (A. 28:1-2 p. 43)

Pe . yvyraryakuã . ha'e . peteí . yvyra . i-marangatú-va

Esta . yvyraryakuã . é . uma . árvore . 3ª-santa-que.

(esta yvyraryakuã é uma árvore que é santa)

Segundo Guasch (1996:185-187), o verbo "ser" meramente copulativo não existe em Guaraní; ele é suprimido e expresso pela mera justaposição do sujeito com o predicativo, podendo ser reforçado com o pronome de 3ª - *ha'e*. O autor não menciona o pronome *i*, também de 3ª pessoa, que pudemos observar junto às sentenças (32), supostamente, copulativas da língua Kaiowá/Guarani.

Os dados que obtivemos da língua K/G apresentam um número elevado de sentenças do tipo copulativas, como as que expusemos em (32) e (33). Este fato resulta, também, do elevado índice de textos descritivos que compõem os livros que utilizamos como cópulas de nosso trabalho.

Na língua Kaiowá/Guarani, o núcleo Agr pode vir seguido do prefixo *i*, indicador de 3ª pessoa (quadro 4), que afixado na morfologia verbal, exerce a função de objeto, como mostram os exemplos em (34):

(34)

(a) *roikuave'ê pavê te'ýi kuérape* (A.1:2 p. 5)

ro-i-kuave'ê . pavê . te'ýi . kuéra-pe

1ªpl S-3ªO-oferecer . todos . índios . pl.-para

(oferecemos-o (livro) para todos os índios)

(b) *jaiporu va'erã ichagua* (A. 28:5 p.43)

ja-i-poru . va'erã . ichagua

1ªpl S-3ªO-usar . fut . por igual

(usaremos a (planta) por igual)

(c) *ñande ru oipeju* (A. 31:5 p. 46)

ñande . ru . o-i-peju

nossos . pai . 3ªS3ªO-soprar

(o nosso pai a sopra (Chicha))

(d) *aiporu haguã* (B. 72 p. 08)

a-i-poru . haguã

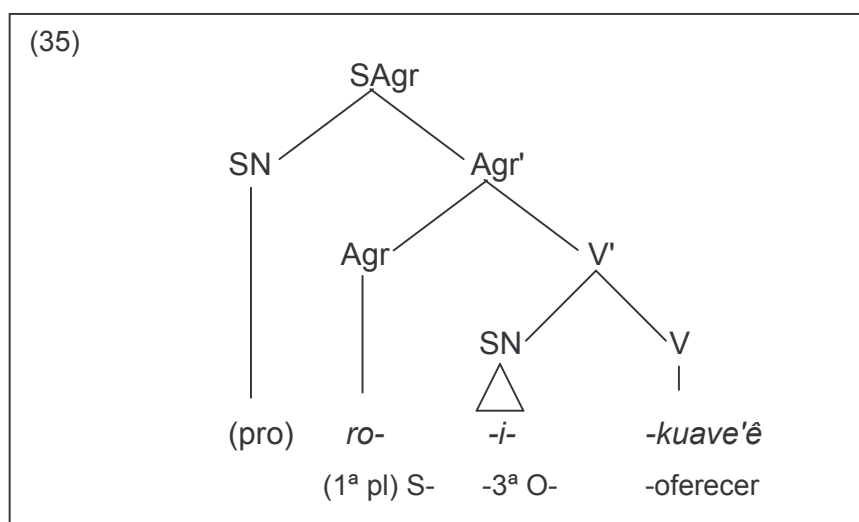
1ªsS 3ªO-usar . para .

(para usá-lo (o dinheiro))

Tomemos os exemplos de (34), nos quais, pelas glosas lingüísticas, podemos identificar os núcleos de SAgr (a. *ro* - 1ª pl; b. *ja* - 1ª pl; c. *o* - 3ª pl e em

d. **a** - 1ª s.); na seqüência da morfologia verbal, temos o prefixo de objeto (*i* - 3ª s. ou pl.), comum a todos os exemplos de (34), posteriormente, tem-se o núcleo de SV, a raiz verbal (a. - **kuave'ê**; b. - **poru**; c. - **peju** e d. - **poru**).

As sentenças Kaiowá/Guarani que apresentam o prefixo de objeto (*i*) afixado à morfologia verbal, podem ser representadas pelos esquemas arbóreos da Teoria X-Barra, preenchendo a posição núcleo do SN-objeto. Vejamos a representação das categorias SAgr, SV e SN-objeto, da sentença (34-a).



Levando em consideração, ainda, a configuração morfológica destes verbos da língua Kaiowá/Guarani, talvez possamos entendê-la como língua SOV, tanto quando o objeto é um SN-pronominal, como nos exemplos de número (30), ou, ainda, quando há um prefixo de 3ª pessoa com função de objeto verbal, como em (34).

O Tupinambá, entre outras línguas da família Tupi-Guarani, também apresenta esta característica morfológica. Rodrigues (1994:24) relata que "No Tupinambá, *(na) pesepiáki* 'você não o viram', também é formado por quatro elementos: *pe-*, marcador de sujeito ('vocês'); *s-*, marcador de objeto ('o'); *-epiák*, raiz ('ver'); *-i*, marcador de negação verbal (que se usa redundantemente com a partícula *na*, que precede o verbo)".

Não podemos deixar de mencionar a possibilidade de o prefixo de objeto (*i*) ser substituído pelo SN-objeto nominal, dentro da morfologia verbal. Seguem alguns exemplos deste tipo de construção em (36):

(36)

(a). **japikypói** *hagua*. (A. 14:3 p. 23)

ja-piky-pói . *hagua*

1^apl-lambari-pescar . para

(para pescar lambari)

(b). **ohepyme'ê** *hagua*. (A. 17: 7 p. 19)

o-hepy-me'ê . *hagua*

3^apreço-dar . para

(para vender)

(c). **jay'u** *hagua* (A. 6:12 p. 13)

ja-y'-u . *hagua*

1^apl-água-beber . para

(para bebermos água.)

Como pudemos verificar acima, o SN-objeto é incorporado à morfologia verbal. Tal incorporação nominal, também, pode ser representada pelo esquema arbóreo de número (35). Desta maneira, evidencia-se a ordem SOV, também, quando se trata de incorporação de objeto nominal na morfologia verbal da língua K/G.

Outro aspecto lingüístico da sintaxe K/G é a não realização fonológica do SN-sujeito em verbos com valor [+Agr]. Observe os exemplos em (37):

(37)

(a) *reme'é pohã ñana ichupe*

(A. 27:10 p.42)

re-me'ê . pohã . ñana . ichu-pe

2^as-dar . remédio . ruim . ele-para

(dais o remédio ruim para ele)

(b). *Jaha va'ekue umi ysyry rembe'ýpe*

(A. 14:2 p. 23)

Ja-ha . va'ekue . umi . ysyry . rembe'ý-pe

1^apl-ir . pass . aquele . corrente . de- água-em

(lamos naquela corrente d'agua)

(c) *Upéi rombyatypa ipehengue kuéra*

(A. 3:7 p.09)

Upéi . ro-mbyaty-pa . i-pehengue . kuéra

Depois . 1^apl-juntar-pass . 3^aposs- parte . pl

(E depois juntavamos suas partes)

Segundo a Teoria da Ligação, a posição Spec de Agr, de exemplos como os de (37), é preenchida por uma categoria vazia (pro), satisfazendo, assim, o Princípio de Projeção Estendido.

Esta característica da língua K/G pode vir a condizer com as de línguas que são classificadas, dentro do Parâmetro de Sujeito Nulo (*Pro-drop Parameter*), como línguas de sujeito nulo, por também possuírem esta categoria vazia em posição de sujeito. Vale lembrar que o critério- θ requer que esta posição seja preenchida por um argumento externo que possa receber função- θ do verbo, satisfeitas tais condições, temos o elemento pronominal vazio (pro), indicativo do sujeito nulo.

Neste trabalho, não pretendemos interpretar e classificar a categoria vazia de sujeito da língua Kaowá/Guarani, a idéia fica para uma investigação futura, já que este é um ponto de muita relevância.

3.2.2 A categoria funcional ST

Como já mencionamos, Pollock (1989:365) decompôs o núcleo SFI em dois, formando, assim, os núcleos Agr e T, ambos capazes de projetar em nível XP. Assumindo a existência de uma projeção SAgr na língua K/G, passemos, por ora, a contemplar a categoria funcional ST, reiterando que não é objeto de nosso trabalho classificar os morfemas temporais da língua em questão, sejam eles aspectuais ou não, pois todos, indistintamente, serão descritos como um núcleo funcional que ocupa a posição núcleo de ST.

Ao descrevermos o Kaiowá/Guarani, procuramos evidenciar os itens lingüísticos que podem vir a ocupar a posição núcleo de ST. Tendo núcleos de ST evidência fonética em ES, o valor deste núcleo funcional será [+T], ou, ainda, "As flexões com marcas temporais são chamadas *finitas*.", e os núcleos de valor [-T] são "As flexões sem marcas temporais chamam-se *não-finitas*.", segundo Raposo (1992:83).

Iniciaremos a sumária descrição e interpretação do constituinte ST do K/G, mostrando alguns exemplos que nos permitam observar os seus constituintes internos. Os exemplos são dados com os supostos tempos verbais⁴⁰: em (38) [-T]: presente (nulo foneticamente); [+T]: futuro, em (39) e o passado, em (40); em (41), outros exemplos.

(38). [-T] presente (nulo foneticamente)

(a). *ha ajuhu ko kuatione'êpe*

(A. 2:2. p.7)

ha . a-juhu . ko . kuatione'ê-pe

e . 1^a-falar . este . papel . fala-de

(e falo deste livro)

⁴⁰ Os núcleos temporais dos verbos são assinalados em negrito por nós.

(b). *Ko mba'apo, ohechuka ore te'ýi arandu* (A. 3:12 p. 9)

Ko . mba'apo, . o-hechuka . ore . te'ýi . arandu .
Este . trabalho . 3ªmostrar . nosso . índio . inteligente
(Este trabalho mostra a inteligência de nossos índios)

(c). *ha jahapy hagua koivára* (A. 7:6 p. 14)

ha . ja-hapy . hagua . koivára
e . 1ªpl-queimar . para . coivara
(e para queimarmos coivara)

(d). *mbaíry . kuéra . ombuaipa* (A. 12:3 p.20)

mbaíry . kuéra . o-mbuaipa.
não-índio . pl . 3ªdesmatar
(os não-índios desmatam)

(e). *Ha'e niko mbohapy ára okañy* (A. 5:7 p.12)

Ha'e . niko . mbohapy . ára . o-kañy
Ele . certamente . três . dias . 3ª-escurecer
(Ela, certamente, em três dias escurece)

(39). [+T] Futuro

(a). *Umi jaútarõ* (A. 27:3 p. 42)

Umi . ja-'ú-ta-rõ,
Aqueles . 1ªpl-beber-fut-se
(Se bebermos aqueles)

(b). *Jajapo heta arã ñane mbovy'a* (A. 31:8-9 p. 46)

Ja-japo . heta . arã . ñane . mbovy'a
1ªpl-fazer . muito . fut . 1ªpl . alegrar
(Faremos muito (para) nos alegrar)

(c). *Ho'u va'erã pira hu'i avatigui* (B. 17. p.03)

ho'u . va'erã . pira, . hu'i . avatí-gui

3ªcomer . fut . peixe, . mandioca . raiz-de

(comerá peixe, raiz de mandioca,...)

(d). *mba'éichapa ñañoťyarã* (A. 8:4. p.15)

mba'éicha-pa . ñañoťya-rã

como-int . 1ªpl-plantar-fut

(como plantaremos?)

(e). *okáinê te'ýi róy.* (A. 7:12 p.14)

o-kái-ne . te'ýi . róy.

3ª-queimar-fut . índio Kaiowá . casa.

(queimará a casa do índio kaiowá)

(40). [+T] Passado

(a). *ojehai va'ekue iporã eterei.* (A. 2:3. p.7)

o-je-hai . va'ekue . i-porã . eterei.

3ª-refl-escrever . que-pass . 3ª-bem . muito

(que se escreveu muito bem)

(b). *Ñañoťyva yma raka'e avei heta mbakuku* (A. 20:4 p. 34)

Ña-ñoťy-va . yma . raka'e . avei . heta . mbakuku

1ªpl-plantar-que . antes . pass . também . muito . mbakuku

(Antes, que plantávamos também muito mbakuku)

(c). *Yma ka'aguy iporã va'ekue ha ava mba'epa* (A. 12:1 p.20)

Yma . ka'aguy . i-porã . va'ekue . ha . ava . mba'e-pa.

Antigamente . mata . 3ª-bonita . pass . e . índio . coisa-pass

(Antigamente, a mata era bonita e propriedade do índio.)

(d). *Upéi rombyatypa ipehengue kuéra.* (A. 3:7 p.9)

Upéi . ro-mbyaty-pa . i-pehengue . kuéra.

Depois . 1ªpl-juntar-pass . 3ªposs- parte . pl

(E depois já juntávamos suas partes)

(e). *Jose ho'use kuri yva, mandi'o ha so'o* (inf. B)

Jose . ho'-u-se . kuri . yva, . mandi'o . ha . so'o

José . 3ª-comer-quer . pass, . mandioca . e carne

(José queria comer mandioca e carne)

(41). [±T] Outros

(a). *ñande su'úrõ.* (A. 16:2 p.25)

ñande . su'ú-rõ.

nos . -picar-se

(se nos picar)

(b). *ñane ñorõ* (A. 21:11 p.35)

ñane . ñorõ

nos . atacar

(nos ataca)

Nos dados de número (38), o valor [-T], segundo as postulações de Raposo (1992), indica o tipo de flexão *não-finita*; entretanto, parece-nos que estas sentenças trazem consigo o núcleo T nulo foneticamente, e que, em FL, representa o tempo presente na língua K/G, como asseguram seus falantes.

Os verbos de (38): (a) *ajuhu*, (b) *ohechuka*, (c) *jahapy*, (d) *ombuaipa* e (e) *okañy* indicam a flexão de Agr, apesar de omitirem o núcleo T, manifestando, ao nosso ver, estes núcleos, T e Agr, em FL.

Os dados de (39) e (40), de valor [+T], nos mostram-nos que o núcleo T segue o núcleo V. Especificamente, em (40-b), *raka'e* é o núcleo de ST, marca de passado, que se posiciona após o advérbio *yma*, e não logo após o verbo *Ñañotyva*, denotando, desta forma, sua autonomia, prevista por Pollock (1989, apud Raposo, 1992), ao desmembrar os núcleos Agr e T da Categoria SFI.

Supomos que a autonomia dos núcleos funcionais T e Agr, prevista por Pollock (Ibidem), possa explicar o desmembramento do núcleo T em relação ao verbo, quando tal núcleo pospõe-se a outros elementos da sentença, como em 39 (b) e 40 (b). Contudo, a ordem que prevalece, entre o núcleo T e o verbo, é [T' Compl T].

A partir de exemplo do (40-c), notamos que sentenças do tipo copulativa podendo selecionar o núcleo T, bem como ocorre a manifestação do prefixo *i*, indicador de 3ª pessoa do singular ou do plural, junto ao adjetivo.

Em (41), temos as sentenças (a) e (b) que apresentam valor [-T], por não possuírem marcas temporais. O verbo *su'úrõ* de (a) e o verbo *ñorõ* de (b) não manifestam o núcleo flexional Agr, também, possuindo, assim, o valor [-T,-Agr]. Portanto, supomos que estas sentenças sejam tipicamente infinitivas.

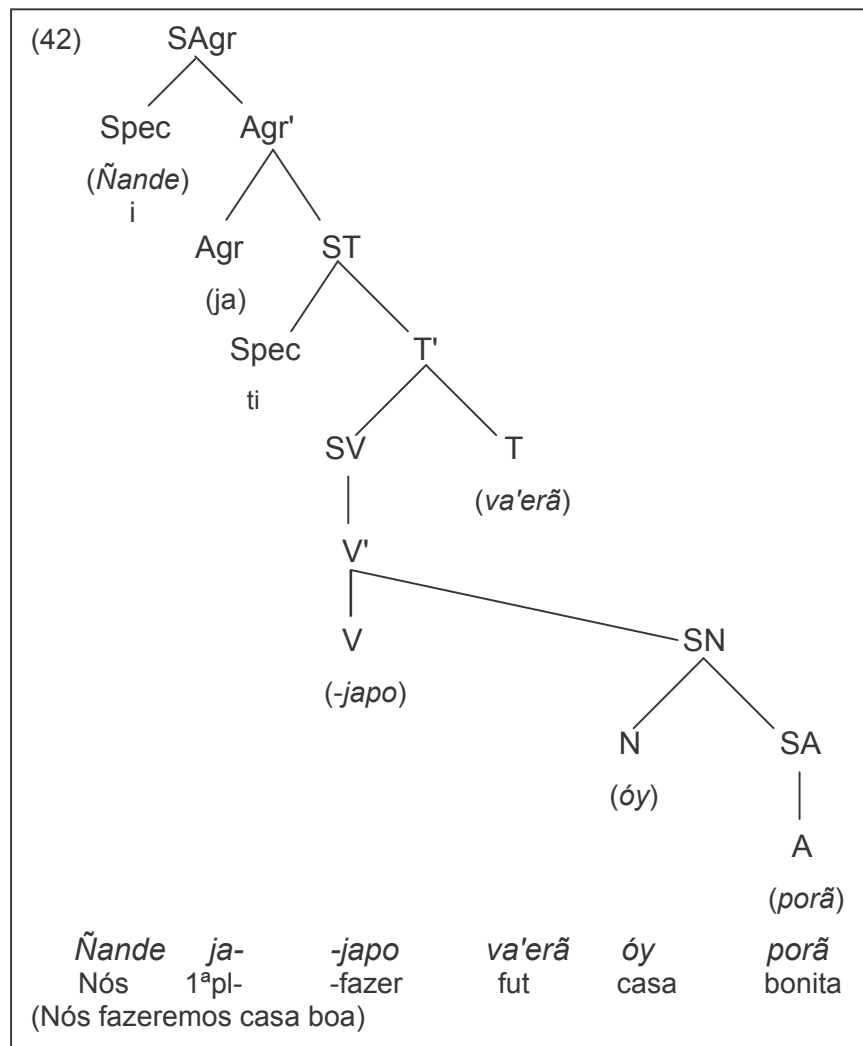
Os núcleos de ST, indicadores de futuro (39) e de passado (40), selecionados entre os dados do K/G, podem ser comparados aos núcleos temporais da língua Guaraní coloquial descrita por Suárez (1967:153-4). Apreciemos as caracterizações temporais, feitas pelo autor, pois as supomos bastantes próximas aos núcleos temporais da língua K/G.

*Among the set of temporal, modal, and aspectual modifiers, **ta**⁴¹ and **nê** are the more infection-like elements. **ta** is future, **nê** (in negative verbal phase /šêne/) means also future, but implying obligation or necessity. Verbal phases with future meaning and not containing either **ta** or **nê** are unusual. (...) **ra?é**. **raka?é** and **kuri** occur when there is some special need of marking explicit the reference to past events; but if some other Word already occurs which indicates the past, such as **kwehé** 'yesterday', then they never occur. (...) **ra?é** is used almost exclusively in interrogations, and means past in general; **raka?é** indicates "remote past"; **kuri** means "recent past", somethings that has happened on the same day. **Varã** indicates "obligation". **mî** "customary past" and **vakwé** "past" are rarer; **mî** (~**mîva**) may occur with **ra?é**, **raka?é**, or **vakwé**.*

Comparando os dados da língua Kaiowá/Guarani com a descrição do Guarani coloquial feita por Suárez, podemos assegurar que os núcleos dos exemplos (39): *va'erã*, *arã*, *rã* (possíveis variantes de *varã* do Guarani coloquial), *ta* e *nê*, realmente, indicam o tempo futuro, assim como os núcleos dos exemplos (40): *va'ekwe* (*vakwé* do Guarani coloquial), *raka'e* (*raka?é*) e *kuri* indicam o passado. O exemplo (40-d) mostra-nos outro morfema temporal que indica passado, o núcleo *pa*, Suárez não o analisa como sendo também um núcleo temporal em Guarani, mas apresenta outros núcleos: *ra?é* e *mî*, que também indicam tempo passado.

Retomando as questões cerca da projeção SFI, não podemos deixar de supor a representação estrutural de uma sentença da língua Kaiowá/Guarani, na qual se materializam os núcleos SAgr e ST. Vejamos a estruturação arbórea da sentença, "*Ñande jajapo va'erã óy porã*", (A. 10:1 p.17), em (42):

⁴¹ Negrito efetuado por nós.



Ao priorizarmos a categoria SAgr sobre a ST, estamos, na realidade, supondo tal hierarquização, pois, ao verificamos os dados da língua em questão, deparamos com um posicionamento fixo entre os núcleos (Agr e T) da projeção SFI e o verbo, em que SFI atribui referência funcional. Esta talvez não seja a disposição mais adequada para estes núcleos na língua Kaiowá/Guarani, porém não é nosso objetivo aprofundarmos neste tópico que requer, certamente, muitas indagações teóricas, como as fez Ouhalla (1991), em sua obra *Functional Categories and Parametric Variation*, na qual estabelece valores paramétricos para as categorias funcionais SAgr, ST e SNeg.

A estrutura arbórea construída em (42) é de uma sentença declarativa, cuja representação começa com o núcleo SFI cindido nas suas duas categorias SAgr e ST, que são preenchidas, respectivamente, por *ja* (1ª p) e *va'erã* (futuro) e estas dominam o SV.

A posição Spec de Agr é preenchida pelo SN (ou SDet) sujeito, *Ñande*, após este ter sido deslocado da posição Spec de SV que ocupava em EP, para, então, receber Caso nominativo de Agr e T; a atribuição por parte deste, está representada pelo vestígio *ti*.

Por fim, como já sabemos, os "núcleos" de SFI dominam o constituinte verbal, no caso, *-japo*; este, por sua vez, subcategoriza um SN (ou SDet) complemento, *óy porã*, que recebe Caso acusativo do núcleo V.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos descrever os sintagmas da língua Kaiowá/Guarani, detendo-nos ao fenômeno da ordenação das categorias sintagmáticas lexicais, SN, SV, SP e SA e funcionais SFI (SAgr e ST), além de evidenciamos as categorias lexicais que constituem as projeções máximas e intermediárias, sob a perspectiva teórica dos Princípios e Parâmetros Chomskiana (1986) e, também, sob o enfoque funcionalista de Greenberg (1966).

A descrição das categorias sintagmáticas, neste trabalho, deu-se separadamente, e ao descrevê-las procuramos evidenciar quais os elementos lingüísticos que se constituem junto ao núcleo de cada categoria sintagmática.

Os sintagmas de núcleo lexical foram apreciados por nós, a partir da relação entre os seus núcleos e seus complementos e os de núcleo funcional, tanto, entre o núcleo e o complemento, quanto, entre o núcleo e especificador.

Considerando os dados da língua K/G, propomos que a ordenação dos complementos diante dos núcleos de N', tende a ser fixada com o valor paramétrico [N' N Compl], pois somente em construções com caso genitivo ocorre a inversão desta ordem.

O SP, em Kaiowá/Guarani, apresenta o núcleo P à direita de seus complementos, obedecendo, assim, o valor [P' Compl P], característica própria de línguas de núcleo final. Além disso, observamos que as estruturas genitivas, também, evidenciam uma característica deste tipo de línguas.

O núcleo da projeção P', em português, uma língua, preferencialmente, SVO, é uma preposição e em Kaiowá/Guarani, uma posposição, no entanto, em ambas as línguas, a escolha da ordem paramétrica entre o núcleo de N' e seus complementos é idêntica, [N' N Compl].

Como já mencionamos no capítulo I, segundo Raposo (1992), uma língua que tem preposições, e não posposições, permite a criança fixar o parâmetro com o valor [x' X Compl*] e daí concluir que a ordem entre V e Compl é [V Compl*] em vez de [Compl* V], e assim sucessivamente para as outras categorias lexicais. Entretanto, parece-nos que a premissa aludida por Raposo não se aplica a língua

K/G, haja vista que N' subcategoriza à direita seus complementos e P', à esquerda.

No que se refere a projeção A', pudemos constatar que o núcleo A é, geralmente, subcategorizado pelo sintagma nominal, a quem atribui referência qualitativa, vindo a ocupar a posição Compl de N'. Entre os dados da língua K/G, detectamos a ligação do adjetivo com um sintagma complementizador (SCOMP), em projeção intermediária, configurando o valor paramétrico de A' como [A' A Compl].

A partir da proposta de Fukui e Speas (1986, apud Raposo, 1992), que estabelece que somente as categorias funcionais SFI (ST e SAgr) e SDet podem projetar-se no nível X", por meio da combinação X' com um especificador, bem como, em nível X', com a relação obrigatória entre o núcleos e seu completo, em ES, realizamos a descrição da constituição da constituição e ordenação das categorias funcionais em K/G.

O sintagma determinante não projeta nenhum elemento que possa ocupa a posição Spec de SDet. Todavia, a projeção Det' subcategorização um complemento nominal seguindo o valor de ordem paramétrica [Det' Det Compl].

No refere-se ao SAgr, sua posição de Spec só é preenchida pelo sintagma sujeito da sentença, em ES, após a realização do movimento deste sintagma sujeito de sua posição da base, que era Spec de SV, em EP.

Quanto ao complemento de Agr', pudemos constatar que o núcleo de V pospõe-se ao núcleo de Agr, na morfologia verbal, indicando a ordem paramétrica [Agr' Agr Compl].

Verificamos que o núcleo de ST posiciona-se após o verbo, ou ainda, após um advérbio de tempo que segue o núcleo verbal. Acreditamos que o desmembramento do núcleo T em relação ao verbo, ou, igualmente, à morfologia verbal da língua K/G, possa ser explicada pela autonomia dos núcleos funcionais (T e Agr), prevista por Pollock (1989). Pensando assim, propomos que o valor paramétrico da projeção T' é [T' Compl T].

Supomos que devido a não classificação apurada dos tipos de núcleos temporais da língua K/G, não depreendemos nenhum elemento lingüístico que pudesse ocupar a posição facultativa de Spec de ST.

Apesar de nossa pesquisa não ter como objetivo específico um estudo sobre a tipologia da língua K/G, durante quase toda a descrição das categorias sintagmáticas, tratamos, mesmo que sumariamente, da relação entre S (sujeito), V (verbo) e O (objeto) da língua em questão, por isso, nos concentramos nos comentários sobre o assunto, para enfim, concluirmos o presente trabalho.

Como já mencionamos, Chomsky (1994:166), enuncia que: "Podemos agora definir a função gramatical objeto como o SN de X', e a função gramatical sujeito como o SN de X" ". Assim, assinalamos o valor [v SN V'] para o SN-sujeito da língua K/G em EP, uma vez que, em ES, ele configura-se com o valor [Agr" SN Agr'], que, segundo Raposo (1992), é uma ordem que produz línguas SVO ou SOV, como o português, o inglês, o japonês ou o turco.

Quanto ao SN-objeto, ou SN de X', como prefere Chomsky (op. cit.), parece-nos de fundamental importância o exame primeiro do tipo de núcleo que preenche tal SN da língua Kaiowá/Guarani, uma vez que, sendo preenchidos por núcleos "nominais" (ou expressões-R, segundo a Teoria da Ligação), tendem a fixar o valor [v V Compl] e os SNs preenchidos por núcleos pronominais (pro), fixam o valor [v Compl V].

Adequando estes valores paramétricos de SN-sujeito e SN-objeto aos dois caminhos paramétricos, SV vs VS e VO vs OV, propostos por Dryer (1997), tem-se, em K/G, as possibilidades de ordem: SV & VO, e SV & OV, que definem dois tipos tradicionais de ordem: SVO e SOV. Portanto, sugerimos, por ora, que os parâmetros fixados pelos falantes Kaiowá/ Guarani produzem, basicamente, uma língua de ordem SVO e/ou SOV.

Caso semelhante ao descrito, neste trabalho referente a língua Kaiowá/Guarani, é o da língua Diola-Fogny, que segundo Travis (1984:96-97), *is a Congo-Kordofanian language, listed as having a base word order of S-V-O with an S-O-V variation*. Nesta língua, ainda segundo a autora, *the SOV order is very restricted. It is only possible, in fact, if the object is a concord pronoun (...). What is*

crucial is that for the object to appear between the subject and the verb, it must be pronominal (...).

Por fim, acreditamos que haja apenas uma ordem dominante entre os dois tipos de ordem previstas para a língua K/G. Entre a ordem SVO e a SOV, uma é, tipologicamente, dominante, e a outra, uma variante, cuja configuração pode vir a caracterizar um vestígio de um estágio anterior da língua em questão. Entretanto, não pretendemos estabelecer qual seja a ordem tipológica dominante da língua Kaiowá/Guarani fixada pelos seus falantes, visto que, uma definição, desta grandeza, foge aos limites deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, M. S. (1994) *Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano*. Campinas. Tese (Doutorado) - IEL/Campinas.
- BRAND, A. (1998) Quando chegou esses que são nossos contrários: a ocupação espacial e o processo de confinamento dos Kaiowá/Guarani no Mato Grosso do Sul. In: *Multitemas*. Campo Grande: Ed. UCDB.
- _____. (1997) *O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da palavra*. Porto Alegre. Tese (Doutorado) - PUC/RS.
- BORGES, P. H. P. (2000) *Ymã, ano mil e quinhentos: relatos e memórias indígenas sobre a conquista*. Campinas: Mercados das Letras; Paraná: Unipar.
- BRIDGEMAN, L. I. (1960) *A ordem nas orações intransitivas do kaiwá*. 6a. RBA, SIL.
- CHAFE, W. L. (1982) Integration and involvement in speaking, writing, and oral literature. In: TANNEN, D (ed) *Oral and written discourse*, Norwood, N.J.: Ablex.
- CHOMSKY, N. (1994) *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Lisboa: Caminho.
- _____. (1986) *Knowledge of language: Its nature, origin and use*. Praeger, New York.
- DOOLEY, R. A. (1982a) Options in the pragmatic structuring of guarani sentences. *Arquivo Lingüístico*: CEDAE-UNICAMP, SIL.
- _____. (1982b) *Vocabulário do Guarani: vocabulário básico do Guarani contemporâneo (dialeto Mbüá do Brasil)*. Brasília, DF. SIL.
- _____. (1991a) A double-verb construction in Mbyá Guarani. In: *Working Papers of the SIL*. vol. 197. Dakota: Dooley & Quakenbush.
- _____. (1991b) Apontamentos Preliminares sobre Ñandéva Guarani Contemporâneo. *Arquivo Lingüístico nº 197*. Brasília, D.F. SIL.
- DRYER, M. S. (1997) On the six-way word order typology. *Studies in language* 21 (1): 69-103.

- GONÇALVES, S. C. L. (1997) *Aquisição do português como segunda língua: o caso das crianças Yuba*. Campinas. Dissertação (Mestrado) - IEL/UNICAMP.
- GONSALVES, et. al. (1993) *Upéicha rohai: ore kuation ñe'ê peteicha*. Dourados-Campo Grande, CIMI e SEE.
- GREENBERG, J. H. (1966) Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: J. H. Greenberg, ed. *Universals of Language*. Cambridge, Mass.: MIT Press, pp. 73-113.
- GUASCH, A. S. J. & ORTIZ, D. S. J. (1991) *Diccionario castellano-guarani guarani-castellano: sintáctico-fraseológico-ideológico*. Assunción: Litocolor.
- GUASCH, A. S. J. (1996) *El idioma Guaraní: gramática y antología de prosa y verso*. Assunción: CEPAG.
- GUEDES, M. (1993) *Suyá: a língua da gente "um estudo fonológico e gramatical"*. Tese (Doutorado) - IEL/UNICAMP.
- GUILFOYLE, E. (1990) *Functional categories and phrase structure parameters*. Dissertação Ph. D., McGill University.
- HALE, K. (1983) Warlpiri and the grammar of non-configurational languages. *Natural Language and Linguistic Theory*, vol. 1, nº 1 pp. 5-48.
- HAWKINS, J. A. (1982) Cross-category Harmony, X-bar and the predictions of markedness. In: *Journal of Linguistics*, nº18 pp. 1-35.
- HOORNAERT, E. (1994) *História do cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo: Paulus.
- JOSÉ FILHO, A. (2000) *A língua Kaowá/Guarani: interferências, empréstimos lingüísticos e xenismos*. Monografia - CEUL/UFMS (mimeo).
- KOOPMAN, H. (1984) *The Syntax of verbs*, Foris, Dordrecht.
- LEHMANN, W. P. (1983) The great underlying ground-plans. In: LEHMANN (org) *Syntactic Typology: Studies in the Phenomenology of Language*. Texas, pp.3-55.
- MELATTI, J. C. (1983) *Índios do Brasil*. São Paulo: Hucitec.
- MELIÁ, B. (1992) *La lengua Guaraní del Paraguay: historia, sociedad y literatura*. Madrid-Espanha: Mapfre.
- MIOTO, et. al. (1999) *Manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular.

- MORI, A. C. (1998) Característica morfosintáticas del Aguaruna. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, nº 34, pp.157-168.
- OLIVEIRA, D. P. (1989-a) *Constituintes sentenciais*: preenchimento, queda e ordenação. São Paulo. Tese (Doutorado) - PUC-SP.
- _____. (1996) O tópico em língua escrita. In: *Letras & letras*, Uberlândia, v.12, N.2, pp.149-164.
- ORTIZ, D. (1994) *Hablemos el guarani*. Vol. 1-3, Assunción, CEPAG.
- OUHALLA, J. (1991) *Functional Categories and Parametric Variation*. New York: Routledge.
- PERALTA, et. al. (1998) *Tesai ome'ê vy'a*: saúde dá alegria. Campo Grande: UCDB - Fundação Nacional de Saúde.
- PEREIRA, L. M. (1999) *Parentesco e organizaçãosocial Kaiowá*. Campinas. Dissertação (Mestrado) - UNICAMP.
- POLLOCK, J.-Y. (1989) Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, vol. 20, nº 3, pp. 365-424.
- RAPOSO, E. (1992) *Teoria da gramática*: a faculdade da linguagem. Lisboa: Caminho.
- RODRIGUES, A. D. (1994) *Línguas brasileiras*: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola.
- SCHADEN, E. (1974) *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. São Paulo: Edusp.
- SILVA, M. C. F. (1996) *A posição sujeito no português brasileiro*: frases finitas e infinitas. Campinas, Editora da Unicamp.
- STOWELL, T. (1989) Subjects, specifics and X-bar theory. In: M.R. Batin & A. S. Kroch (eds.) *Alternative conceptions of phrase structure*. Chicago: The University of Chicago Press.
- SUÁREZ, J & GREGORES, E. (1967) *A description of colloquial guarani*. Paris: Mouton & CO.
- TAYLOR, J. & TAYLOR, A. (1966) Statement of Kaiwá grammar from clause to morpheme level. *Arquivo Lingüístico* 44: 1-30. Dourados, MS. SIL.

- TERENA, M. (1992). *Cidadãos da selva: a história contada pelo outro lado*. Rio de Janeiro: Gráfica JB.
- TRAVIS, L. (1984) *Parameters and effects of word-order variation*. Dissertação Ph. D., MIT.
- _____. (1989) Parameters of phrase structure. In: M.R. Batin & A. S. Kroch (eds.) *Alternative conceptions of phrase structure*. Chicago: The University of Chicago Press, pp.263-279.
- VIEIRA, M. D. (1993) *O fenômeno da não configuracionalidade na língua Asurini do Trocará: um problema derivado da projeção dos argumentos verbais*. Campinas. Tese (Doutorado) - IEL/UNICAMP.
- VIEIRA, M. D. & LEITE, Y. F. A ordem livre em línguas da família Tupi-guarani: em busca de uma proposta de análise. *Boletim da ABRALIN*, 21, pp. 502-514.
- VIETTA, K. & BRAND, A. (1998) Programa Kaiowá/guarani: a pesquisa científica a serviço da comunidade. In: *Multitemas*. Campo Grande: Ed. UCDB.

ANEXOS

Livro A: Upéicha rohai

Ore kuation ñe'ê peteïha

Apoio (APOHA KUËRA):

Assunção Gonsalves

Ládio Cavalhero Veron

Maria Cristina Benites

Sebastiana Ramirez

Valdomiro Ortiz

CIMI-MS e SEE do MS - Dourados - Campo Grande

1993

1. ÑEKUAVE'Ê (p.5)

Ore mbo'ehára kuéra Guarani ha Kaoiva rojapoha ko kuation ñe'ê, roikuave'ê pavê te'yi kuérape ha tenondeve ore temimbo'e kuérape oikóva tekohápe ko Mato Grosso do Sul jerekuérehe.

2. ÑANDE RU ÑE'Ê (p.7)

Che Delosanto Centurion, Ñande Ru Jakare'igua, ahecha ha ajuhu ko kuation ñe'êpe ojehai va'ekue iporã eterei.

Avy'a ahecháramo koichagua tembiapo. Upéagui ambokatu ko kuation ñe'ê ñenohê.

3. ÑEPYRUMBY (p.9)

Rohesamondo oguhema aravo roguereko hagua ore kuation ñe'ê tee. Upéicha, romopy'a petei rohai hagua ichupe.

Roñemhyaty va'ekue pytyvõ Kaiova ha Guarani, ha peteî teî rohai ore hesamondo pehengue. Upéi rombyatypa ipehengue kuéra. Ha ko'ápe oime ore tembiapo.

Nande Ru Delosanto Centurion ohecha ha ohei iporãha ko tembiapo.

Ko mba'apo, ohechuka ore te'yi arandu ha mba'éicha rojapo kuaa avei

koichagua tembiapo. Ndooripotavéima mbaíry ojapo oréve ore tembiapo.

Rohechukase iporãha ore ñe'ê. Roiporu arã rohohápe ore ñe'ê ha kuation rupi avei. Rombopy'a guasu mante vaerã ore te'ýi reko.

Roipota toiko tory ha vy'a umi ore pytyvõ va'ekue osê hagua ko kuation ñe'ê. Roha'arõ hetave osê koichagua tembiapo. Peteihánte ko kóva. Tenondevépe oivéta.

Ore Apoha kuéra

4. KUARAHY (p.11)

Mba'épa he'ise kuarahy. Ha'e ñande resape. Ha'e oike vove, oúma pytû. Ojere vove, ogueru ko'é.

Ha'e ndaje raka'e heta mba'e ojapo ko yvy rehe, oheja hagua ohóvy.

Opáichagua oíva guive hembiapokue memete. Upéicha rupi ha'e akõi oñangareko ñande rehe amo yvatégui.

5. JASY (p.12)

Pe jasy ikangyve. Pyhare hendy roysã Árape ha'e oguete voi, pytû vove katu ohesape jeýma.

Hasy hagua mbyky eterei. Ha'e niko mbohapy ára okañy, upéi ojekuaa jey.

Okakuaa ohóvo, upéi michî jey. Ndaikatúi ha'e imbaretete tyke'ýragui.

6. YSYRY (p.13)

Ysry porã roguereko va'ekue yma. Ndaipóri mba'e vai pe ysyrype. Pira heta oî gueteri pe y ipotí porã ramo. Pe y héva'ekue, ndaiky'ái.

Ysry guasu rehe oî gueteri pe pira te'ýi ho'u hagua.

Ko'ága pe y ky'a oparupi oî

Pe y icy'a, umi ysyrype nomo'êi jay'u hagua, jajahu hagua avei.

Ndaiporivéima pira ysyrype te'ýi ojeheka hagua. Ava ndojehekavéima pe ysyrype ha pe ka'aguýpe upéagui.

7. TATA (p.14)

Tata iporã jajejope haguã ha tuicha ñane pytyvõ ro'y jave. Ome'ê ñambojy hagua hi'upy ha jahapy hagua koivára.

Nome'êi jajepope eterei, ñanemombiru. Nome'êi avei ñamboja kapi'ityre, okáine te'yi róy.

Jaikuaa va'erã jaiporu hagua pe tata.

8. YVY (p.15)

Pe yvy iporã ñañoty hagua opa mba'e ñandéve guarã.

Yvy ndaipóri rire mba'éichapa ñañotyarã mo'ã pe hi'upyrã.

Ñande te'yi kuéra hetave jareko rire yvy javy'ave arã mo'a.

Te'yi Tekoha kuéra Kaiova ha Guarani Mato Grosso do Sul

9. ÓY (p.17)

Ñande jajapo va'erã óy porã jaiko hagua ipýpe. Ha ñamopotí mante vae'rã ijere.

Ñande jaguerékórõ óy kuña oñangareko mante va'erã óy rokáre.

10. KA'AGUY (p.19)

Yma heta ka'aguy ñande ava kuéra mbaépa raka'e. Upéi ou mbaíry tetã ambuégui ha oipe'pa ñande hegui mbaretépe.

Upépe oimba yma ja'uséva: yva, eíra ha mymba ka'aguy.

Ko'ága umíva opa, ñande jaikopa kapi'itype ndaipóri jepe'a ha yvyra ogarã. Upéagui ndaipóri tesãi ko'ága ñandéve.

11. sem título (p.20)

Yma ka'aguy iporã va'ekue ha ava mba'épa. Ko'ága ñande ka'aguy opa mba'iry kuéra ombuaipa.

Ñande rekohápe oíramo ka'aguy, ñañangareko porã va'erã hese. Ani jaheja okái, ha ani ñande voi jahapy.

Péa ha'e ka'aguy ava rekohague. Ko'ága, mbaíry kuéra mba'epa. Upépe ha'ekuéra ndoipotái jaíke rei rei. Oñomboja'o ja'opa ñande ka'aguy rehe, ombyai, ojapo kapi'ity hekororã kuéra.

12. KA'AGUÝPE OÍ MYMBA KA'AGUY (p.22)

Yma va'ekue oî heta pira ñande ava kuérape.

Ko'ága ndaiporivéima umi pira ñandéve guara.

13. PIRA (p.23)

Yma heta va'ekue pira ýre. Jaha va'ekue umi ysyry rembe'ýpe japikypói hagua.

Mbaíry oguahê ríre ñane retãme ndaikatuvéima jaha japikypói amo ysyryre; oñemomba'epágui hese.

Pira jára mbaíry ndoikuaái; ava oikuaa. Ihéra mokõi: kaja'a h piragui.

14. GUYRA (p.24)

Guyra oî heta iporã ha ivaíva. Umi guyra oiko ka'aguýrente voi.

Oî imichíva ha ituicháva. Oiko guyra yrembe'ýre.

Oî guyra oipegua, ha oî guyra mbaíry rekohápe avei.

15. MBÓI (p.25)

Pe mbói chini hasyve ñande su'úrõ. Chupegua pohã ndaipóri.

Mbói chini ha'e peteî mbói ñanembohasy etereíva. Ha hetave oî mbói ndahasýiva ñande su'úrõ.

16. OJEITYPYRE (p.29)

Ymaguare heta ka'aguy oî ñande tekohápe. Opáichagua yvyra oî va'ekue.

Ko'ága noivéima heta yvyra. Ou mbaíry, oikytîpa, ha ogueraha ohepyme'ê hagua.

Te'ýi kuéra ko'ága ndoguerekovéima yvyra ojapo hogarã. Ndoguerekovéi

jepe'a avei.

Upéagui te'ýi kuéra ohasa asy.

17. KOKUE (p.31)

Ñande yma kokue jajapo va'ekue ñañoty hagua ja'u va'erã. Upépe ñañangareko heñói guive hi'a peve. Ñamopotî, Ñande Ru ohovasa. Hi'a oîmaramo oipeju jevy.

Ñande ñamba'apo va'e kue oñondivepa.

Ko'ága, oî te'ýi ojavóva gueteri ko ichagua mba'apo.

18. MA'ERÃ ÑAÑOTY (p 33)

Avati morotî: ja'u hagua chícha, rora, mba'ipy, vori vori, chipa, kaguyjy.

Avati tupi: ryguasu rembi'urã, ñamongaru hagua mymba ka'aguy ha chicharã.

Mandi'o: ja'u hagua ichugui mbeju, ka'ure, mbichy ha mimõi.

Ava kokue péicha:

19. MBA'ÉPA ÑAÑOTÝ (p.34)

Mba'epa ñañoty ja'u hagua.

Ñañoty avati, mandi'o, kumanda, jety, andai, kara pytã, pakova, takuare'ê, kuarapepe ha manduvi guasu.

Ñañotyva yma raka'e avei heta mbakuku. Ko'ága ndaiporivéima.

20. MBA'ÉPA JAIPORU RAKA'E (p.35)

Jaiporu raka'e sarakua, ita haimbe (machéte), ha sapikua. Iporãve kokue pyahu ka'aguýpe jajapo.

Ko'ága ñamba'apo kokuépe mbaíry rembiporu rupi.

Ñande rekoha hetave oî kapi'i mbaíry kuéra oñoty va'ekue, hymba vaka kuéra hembipurã. Upéa katu oike ñande rekoháre heta iterei ha ndajapu'akavéi hese ñane ñorõ.

21. Sem título (p.36)

Yma péicha ñañemity
 Sarakuápe meme temity iporãve, heñói porã.
 Ko'ága mba'éicha ava kuéra oñemity:
 Upéagui temity ko'ága nda hi'a porãi.
 Kapi'itýgue haku temity kuérape.

22. YVA (p.37)

Ko'áva yva ore te'ýi kuéra roñotyva kokuépe.
 Opáichagua yva ko'ápe ojekuaáva ha pehecháva oñeñotyva.
 Péa ha'e te'ýi oho'úva.
 Oî: kuarapepe, pakuri mbakuku, guavira, pakova, yvaû, pindo, jatayva ha
 heta mba'e oñeñotyva, ore te'ýi kuéra rembi'urã.

23. JOHECHAKÁRY (p.39)

Umi johechakáry oñembo'e yvypóra rehehápe. Ha'e oaryrováirõ ndoikói
 mba'eve ivai etereíva ñane Paî Tavyterã ha. Nandévape.

Ndoikói rire johechakáry ñande apytépe jahechávarã mo'ã mara'ê ha
 nopu'ávéimarã mo'ã ñane remityngue.

Upéicha rupi ñande ndajaikatúi jahejávo ñande reko tee.

Johechakáry ojeheka oñembo'e raka'e opyta hagua oñangareko yvy
 pórare. Ha iñemondeha overa, ha'ete avei tupã kuéra.

p.40

Johechakáry opurahéi opáva yvypóra rehe hápe.

24. HASÝVA (p. 41)

Pe johechakáry oñembo'e hasývare oipe'a hagua mba'asy ha ombopiro'y
 chugui.

Oñembo'e rire ha'e omombe'úta ipoharã pe kuñápe. Yvyraija kuéra ojeroky
 upeaja.

25. POHÃ (p.42)

Heta oî pohã iporãva ñúme ha ka'aguype. Umíva ja'útarõ, jajerovia va'erã hese. Nderejeroviáirõ hese naiporãi avei mba'asýpe.

Hasýva oîramo ho'u jepérõ karai pohã, ndaikatuvéima reme'ê pohã ñana,ichupe.

Rembojopararamo karai pohã ndive ombyaítama hasývape. Reñepyrúró re'u pohã ñane, upéa meménte re'u va'erã.

Pe pohã ñanángo okakuaa ára rysapyre, upéagui iporã iterei.

26. YVYRARYAKUÃ (p.43)

Pe vyryaryakuã ha'e peteí vyrya imarangatúva.

Ha iporã jajapo chugui opamba'e jaiiporu va'erã ichagua.

Ikatu avei jaiporu pohãrã ijapyterekue.

Upéagui oiko avei chiru ha mimby.

27. HYARY (p.44)

Hyary ha'e peteî vyrya ikarai pyre.

Upéicha rupi iporã opamba'épe.

Hyary pire iporã ja'u hagua ka'aýpe ha iporã avei jajuhu hagua pype.

Mitã michî oîro rembojahu va'erã hyary pire rykuerépe ani hagua hasy.

28. MIMBY (p.45)

Ñe'ê mondoha

Mimby ha'e peteî ñe'ê mondoha. Upéagui reguerekoarã nderupive reho hápe. Rehendúrõ vytytu guasu ou, reipyhýarã ha rembopu.

Johechakáry oipyhýrõ ombopu, iñe'ê omondo amoite tupã tavysýpe. Upéicharõ ha'e kuéra ou ñande reko hecha hagua.

29. CHÍCHA (p.46)

Ñande Guarani ha Kaiova jajapôtaramo chícha, kuña kuéra ojapo, Ojapopa rire, ja'u hagua, ñande ru oipeju ha omboyke mba'evai.

Chícha ja'u kuaa va'erã ñande rôype. Jajapa heta arã ñane mbovy'a, jaguachire,

jaguahu ha jajero ky hagua.

Upéicha ñane mbovy'a ja'u jave chícha. Chícha jajapo avati hatãgui avatikýgui ha jety avati heve.

KOTYHU 47

VY'A RE'Y

CHE RERU ÑRUPI

HE'I CHÉVY.

KIVÂ'ÉPO CHE RERU

KIVA'IEPO CHE RERU

ÑRUPI HE'I CHÉVY.

P.48

Ore kuña kuéra roguahu ha rovy'a.

30. JAVY'A VA'EKUE (p.48)

Ajépa yma javy'a raka'e jahárô chícha hápe jakotyhu ha jaguahu hagua.

Heta iterei oî va'ekue kuña oikuaáva kotyhu, guahu ha ovy'a kuaáva ave.

Ndaha'éí ko'ágaguáicha. Ko'ágagua kuña ndoikuaavéima kotyhu ha guahu.

31. ARATIRI (p.49)

Upe aratiri ha'e overáva ou. Oî Tupã verávy. Umía opuã ou jave oheka umi imba'e vai oîva ko yvýre ojapi hagua. Ha'e kuéra mba'e kuaarupi. Upe jave jaguapy vaerã ñande ñakirirî mitã kuéra ndive.

Oî ave aratiri yvyraija. Ha'e ou Tupâ rembiguairõ. Upéagui ha'ekuéra ou overa jave, ojapi mbaíry rymba, yvyráre ha mbaíry resapeháre ave. Upéicha yvyraija kuéra opuã va'ekue, oguata jevy hekohápe.

Aratiri opuã jave ipochy eterei, Ñande Ru mante omohenonde chupe.

Oî avei kañynguéry. Ha'e ou jave oñekãkatua'ã ñande yvypóra kuérare.

(Resapeha= rede de energia eléttica (Port))

32. ATY GUASU (p.51)

Aty Guasu ha'e peteî ñomongeta guasu tekoharuvicha kuéra oñondive.

Upépe oñeñe'ê mba'aporã umi tekoháre ha mba'éichapa jaipyhy jeýta ñande yvy umi mbaíry kuéragai. Ha oñeñe'ê ave mba'éichapa jaipyhýta umi ñane rekotevê re'ýi kuérape guarã. Upépe ore rojeroky oñepyrü guive, ha oñembo'apy hagua, oiko vy'a, chícha, guachire ha kotyhu.

Roñepyrü raka'e pe aty, ore Ñandéva ha Pai Tavyterã roipyhy hagua jey ore rekohague. Kuatiárupi ojekuaa hagua ave pe ñande rekoha peteî teî.

Upéicha Aty Guasu Mato Grosso do Sulpe (MS).

33. TEKOHARUVICHA (p.53)

Tekoharuvicha ha'e peteî tekoháre oñangarekóva. Ha'e omba'apo te'ýi kuéra ndive omongakuaa hagua pe ñande rekoha. Ikatuhaguáicha te'ýi kuera omba'apo kokuépe oñondivepa jey.

Ha'e oñangareko pe re'ýi kuéra rehe upéicha. Pe tekohápe oîmante arã pe tekohajára.

34. CHANGA (p.54)

Ore tekohápe oî umi ava omba'apoe'ýva kokuépe ha oho omba'apo karaípe. Oipyhy pe pirapire ha oho omba'apo pe karaípe. Oheja pe hogaygua kuéra, ha umía ohasa asy. Upe pirapire oheja va'ekue umi hogaygua kuérape ou opa ichugui kuéra.

Umi mbaíry kuéra oiporu umi ava kuéra ojapo hagua kokue tuicha.

Upéicha pe mbaíry ogueroha te'ýi kuérape omomba'apo pirapire mbovy

rehe. Omomba'apoparei hikuái. Oguahevove hóype ndoguerekói hi'upy ho'u hagua.

35. YTATA (p.55)

Ñande yma ndajaikua'aiva mba'épa upe ytata. Upei ou raka'emabaíry kuéra ha ogueru ñande rekohápe ytata.

Upéicha oñepyrû ko'ága peve guará.

Upéa naiporái ñande ava kuéra jajavyky, ha'e ogueru mba'asy ha ñande juka ave.

36. MBO'ERO (p.57)

Ñande mbo'erópe ñañombo'e va'erã ñande ñe'êtee rupi.

Pe mbo'erópe te'ýi kuéra oñombo'e va'erã ha tekoharuvicha ndive ohecha va'erã mávapa mbo'ehárá.

Mbaíry kuéra ndaikatúi ou oñemomba'évo upe mbo'eróre, ha'ekuéra ndoikuaái ava reko.

Ñande ru oho mante va'erã omombe'u hagua ne'ê porã mbo'ehárape ha mitã kuérape.

Mbaíry mbo'erónte ñamomba'e guasúrõ, jahejapáta jahávo ñande reko ymaguare.

Upéicha rupi ore rojuhu porã ore mbo'ero guaraniete, ore ñe'ê rohaíta kuatiáre ha jaikuaáta ñamoñe'ê hagua. Ha upéi jahasa kuaáta ambue ñe'êpe ñañombo'e hagua.

37. Sem título (p.58)

Ko mbo'ero kapi'ígui. Hokyta kuéra ha'e vyra piriri apytere, ha ijokuaha ysypo.

Ñande reko mboja'óy ko mbo'ero. Mbo'ehára ndive ore rojapo va'e upépe: kyha ha kagui jakotyhu hagua.

Livro B: Tesai ome'e vy'a

Autores: Anastácio Peralta, Daniel da Silva Aquino, Florinda Souza da Silva, Gonçalo Moura, João Martins, Maurícia Fernandes, Maximino Rodrigues, Misael Consciança Jorge, Pedrina Machado, Roberto Vanderlei da Silva Souza, Ubaldo Vera Gonçalves, valdete Pontes, Zélia Regina Benitez.

Apoio: UCDB- Programa Kaiowá/guarani, Projeto DST/AIDS: Antonio Brand, Itacir Pastore, Miriam Noal, entre outros

Junho/1998

Tesai ome'e vy'a

Oñepyrû peteî arave rekohape...

...Ogaygua ho'u ka'a'y oñondive ha ombohasa haguã ymaguare reko.

Che mitã ramõguare opamba'e oî va'ekue: heta ka'aguy, ypotî pira rehere ha yvyra yva reheve.

Johechakáry oñe'êva oñembo'éva ha oporahéi jevýma ndoipyhýi haguã mba'asy ha ava kuéra ipohã ñanáme ha'ekuéra oñepohãno meme va'erã.

Oguahêtama jave upe mitã kunáme hi'ára mba'asy.

Kuñatai tekotevê oñangareko va'erã umi imba'asy jekuaávagui, ndo'uí va'erã so'o, juky, ñandy, ho'u va'erã pira, hu'i avatígui, ho'úma va'erã haguí ojahúma poháryme ha inãkã perõme.

Mitã kuimba'e oñemongarai ñanderu rupi, ha kunumi kaiova avaete ombokua hembe omoî haguã hembeta.

Ñande rekórupi ko'ára ombosakoipáma kuñatai ha karia'y omenda haguã.

Tekotevê reñangareko ndejehe ani haguã nememby rei remenda mboyre.

Mbaíry oguahêramo oitypa ka'aguy.

Oikotevêva pirapire, osê hógagui oho omba'apo omoî haguãicha hi'upy ogapýpe.

Upéicha rupi ko'ãga heta mba'asy vai ndaiporivéima ko'ãga oikóma haguãicha mba'asy pyahu hérava AIDS ndaiporí pohã nemboguera haguã ndejuka avei.

Upéagui tekotevê reñangareko nde jehe.

Che ahata pyélope

Ahatama upéicharõ nahundi mo'ãi mba'aporepy me'erã.

Ahatama mbo'eróype

Ahatama che rógape.

Ta'yra he'i: - Ikatúpa heta amohemby viru?

- Aipota che rembiapo ko'ãgaite opa, ha opáramo ko'ãgaite osê haguã che viru.

- Jahatapa jeroxyha rupi?

- Kuñatai iporã!

- Ha'e añete! Tekotevê ñaňangareko sapy'a rei ha'e hasýrõ AIDSgui.

- Mba'épa upéva?

- Ndaikuaa porãi upéva, che ramõi he'i mba'asy ndevai, ndaipórika pohã ha ñamanõ va'erã.

- Moõpa ñande jaikuaa porãveta upe mba'asy rehegua?

- Amo ñande rekohape oî "tesãi ñangarekoha" ha tekotevê jajevývo ñaporandu ichupe kuéra avei.

- Ndépa heta renohê viru takuare'êdy guasúpe?

- Ha'e añete, ha ndaikuaái hembýpa chéve.

Sapy'a rei hemby chéve aiporu haguã jeroxyhape jaha haguã.

- Peê peikuaáma mba'eicha jaipyhy AIDS?

- Mba'éichapa jaikuaavéta pe AIDS rehegua?

- Oî "opa pohãme'êharenda" (posto de saúde), oî avei "mba'asy ñangarekoha" (enfermeiro) ha "tesai ñangarekoha" (agente de saúde) oporandu haguã oikuaaséva AIDSre ha ambue mba'aýgui.

Ko'ãga ne resãi haguã nderehéma oî. Eñangarekókena!

Tekotevê niko mba'eteéva. Neresãiramo erembovy'a nde re'ýi kuéra ha avei oikovéva yvy'ári.